

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

THAÍS GUMA PAGEL

A ATIVIDADE CRIADORA COMO PROCESSO POLÍTICO DO
TRABALHO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL TRANSFORMADORA

Rio Grande

2011

THAÍS GUMA PAGEL

**A ATIVIDADE CRIADORA COMO PROCESSO POLÍTICO DO TRABALHO:
CONTRIBUIÇÕES PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cleusa Helena Guaita Peralta Castell

Rio Grande

2011

Para minha mãe Daisy, pelo exemplo construído e vivido, a partir de sua atividade criadora, e por sempre estar presente, mesmo estando ausente. E para minha avó, meu irmão e meu pai, pelo carinho e atenção nos momentos mais importantes da vida.

Para Peter, com quem aprendo, a cada dia, o especial significado da alteridade.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento à minha orientadora Cleusa Helena Guaita Peralta Castell, por quem me apaixonei desde o primeiro instante, ainda sem nem conhecer suas repercussões socioambientais e sua bela caminhada, por sua dedicada orientação e suas palavras sempre carinhosas, e pelo inesquecível contato com a arte.

Ao meu amigo de sempre Ricardo Gautério Cruz, pelo inicial incentivo no começo de todo esse processo, por ter sempre acreditado, e me ajudado a acreditar, nas minhas ideias e nos meus sonhos.

À Gabriela Machado Lopes, minha melhor amiga de todas as horas, pela sensacional leitura conjunta do livro do Boaventura de Sousa Santos, *Um discurso sobre as ciências*, e por todos os momentos especiais, às vezes difíceis, ou engraçadíssimos, compartilhados desde as aulas do jardim de infância.

Aos momentos incríveis vividos nas aulas da Educação Ambiental, assim como os colegas e os maravilhosos diálogos construídos, especialmente à Renata, à Janine, à Luana e à Maria de Fátima, pelos agradáveis momentos de convívio e pelos essenciais momentos de descontração.

À banca examinadora, Mirela Ribeiro Meira e Francisco Quintanilha Veras Neto, pela significativa contribuição no processo de qualificação.

Agradeço a CAPES, pela concessão da bolsa de estudos pelo período de um ano, e pela valorização dos educandos dedicados à pesquisa.

Ao Gilmar, pelo carinho e especial atenção a todos.

Enfim, a todos que andaram comigo nesse caminho da Educação Ambiental e que insistem em acreditar na transformação das relações sociais e ambientais; em novas formas de estar e agir no mundo.

RESUMO

Este trabalho aborda a importância da atividade criadora tensionada ao trabalho alienado, seja nas relações sociais ou nas relações com o meio ambiente. Nele, busquei focar a questão da atividade criadora como contribuição ao processo político do trabalho a partir dos princípios de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória visando a superação da alienação proposta pela sociedade pós-capitalista. Traz, como proposta teórica e metodológica, uma pesquisa bibliográfica qualitativa de análise de conteúdo, através de categorias analíticas e empíricas, de acordo com Maria Cecília Minayo, de artigos escolhidos dos jornais *Le Monde Diplomatique Brasil* e *Brasil de Fato*. Traz recortes da realidade relativos à constituição de cidadãos e cidadãs críticos(as) e participativos(as) capazes de transformação social e individual. A fundamentação teórica que contribui para a compreensão do tema e do objeto de pesquisa apresenta-se, principalmente, a partir de atividade criadora em Fayga Ostrower e da educação estética em Marly Meira, ao buscar relação com a teoria crítica e a Educação Ambiental transformadora. Abordei a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, principalmente em Loureiro, através de sua procura por superar a alienação da sociedade que valoriza formas de reprodução do conhecimento e da conservação da realidade. A pesquisa proporcionou focar a temática da alienação na contemporaneidade do pensamento de István Mészáros e Ricardo Antunes, como forma de suprir a necessidade de problematizar a realidade historicamente construída. Marx, em seu tempo, reflete muito dos problemas da nossa atualidade e, com o auxílio de Mészáros, é possível problematizar a realidade a partir de sua historicidade, pois ele nos conduz a Marx de forma contextualizada, e seu papel nesta pesquisa é trazer o pensamento marxista à atualidade. Registre, ainda, a contribuição neomarxista de Hardt e Negri sobre a constituição daquilo que eles denominam *Império*. Da mesma forma, busquei pesquisar, nessas mídias autodenominadas politicamente independentes, a relação entre atividade criadora e trabalho alienado, bem como suas repercussões socioambientais, como forma de Educação Ambiental não formal, na perspectiva de que tal processo não pode existir sem sujeitos pensantes e a complexidade de suas relações com outros sujeitos e com o mundo.

Palavras-chave: Atividade criadora. Trabalho alienado. Educação Ambiental. Repercussões socioambientais.

ABSTRACT

This article addresses the importance of creative activity tensioned to alienated labor, whether in social relations or relations with the environment. In it, I tried to focus on the question of creative activity as a contribution to the political process of work based on the principles of an Environmental Education critical, transformative and emancipatory aimed at overcoming alienation by the proposed post-capitalist society. Brings, as a theory and methodology, a literature review of qualitative content analysis, through analytical and empirical categories, according to Maria Cecilia Minayo of selected articles from newspapers *Le Monde Diplomatique* Brazil and Brazil in fact. Bring clippings of reality concerning the establishment of critical citizens (as) and participatory (as) capable of individual and social transformation. The theoretical framework that contributes to the understanding of the subject and the object of research is presented, mainly from creative activity Fayga Ostrower and aesthetic education in Marly Meira, to seek relationship with critical theory and environmental education sector. Addressed the critical environmental education, transformative and emancipatory, Loureiro mainly through its demand to overcome the alienation from society that values forms of reproduction and preservation of knowledge of reality. The research provided focus on the theme of alienation in contemporary thought István Mészáros and Ricardo Antunes, as a way to address the need to question the reality historically constructed. Marx, in his time, reflects many of the problems of our modern society and with the aid of Meszaros, you can question the reality from its historicity, because it leads to Marx in a contextualized and its role in this research is to bring Marxist thought to the present. Registered, although the contribution of neo-Marxist Hardt and Negri on the constitution of what they call Empire. Likewise, I tried searching, these self-styled politically independent media, the relationship between creative activity and alienation in work, as well as their social and environmental impact as a form of non-formal environmental education in the expectation that such process can not exist without thinking subjects and complexity their relations with other subjects and the world.

Keywords: Creative activity. Alienated labor. Environmental Education. Social and environmental repercussions.

RESUMEN

Este artículo aborda la importancia de la actividad creativa tensión de trabajo alienado, ya sea en las relaciones sociales o las relaciones con el medio ambiente. En él, trató de concentrarse en la cuestión de la actividad creativa como una contribución al proceso político de trabajo basado en los principios de una educación ambiental crítica, transformadora y emancipadora encaminadas a la superación de la alienación de la sociedad de la propuesta post-capitalista. Trae, como una teoría y una metodología, una revisión de la literatura de análisis de contenido cualitativo, a través de categorías analíticas y empíricas, de acuerdo con Maria Cecilia Minayo de determinados artículos de los periódicos *Le Monde Diplomatique Brasil* y *Brasil en los hechos*. Traer recortes de la realidad sobre la creación de ciudadanos críticos (as) y participativa (as) capaces de transformación individual y social. El marco teórico que contribuye a la comprensión del sujeto y el objeto de la investigación se presenta, principalmente de la actividad creativa Fayga Ostrower y la educación estética en Marly Meira, que buscan la relación con la teoría crítica y el sector de la educación ambiental. Se dirigió a la educación crítica del medio ambiente, transformadora y emancipadora, Loureiro, principalmente a través de su demanda para superar la alienación de la sociedad que los valores de las formas de reproducción y preservación de los conocimientos de la realidad. La investigación siempre se centran en el tema de la alienación en el pensamiento contemporáneo István Mészáros y Ricardo Antunes, como una forma de abordar la necesidad de cuestionar la realidad históricamente construido. Marx, en su tiempo, refleja muchos de los problemas de nuestra sociedad moderna y con la ayuda de Meszaros, que puede poner en duda la realidad de su historicidad, porque lleva a Marx en un contexto y su papel en esta investigación es llevar pensamiento marxista hasta el presente. Registrados, aunque la contribución de los neo-marxistas de Hardt y Negri sobre la constitución de lo que ellos llaman Imperio. Del mismo modo, he intentado buscar, estos medios autodenominado políticamente independiente, la relación entre la actividad creativa y la alienación en el trabajo, así como su impacto social y ambiental como una forma de educación ambiental no formal en la esperanza de que tal proceso no puede existir sin pensar en los temas y la complejidad sus relaciones con otros sujetos y el mundo.

Palabras claves: La actividad creativa. Alienados de trabajo. La educación ambiental. Repercusiones sociales y ambientales.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01. Cópia ilustrativa do artigo “Caminhos para uma agenda sustentável”

Figura 02. Cópia ilustrativa do artigo “Do outro lado da linha, o proletário”

Figura 03. Cópia ilustrativa do artigo “Em Iaras, o MST produz”

Figura 04. Cópia ilustrativa do artigo “O curral que virou centro cultural”

Figura 05. Cópia ilustrativa do artigo “Militância Avatar”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O CONTEXTO HISTÓRICO COMO PANO DE FUNDO DA REALIDADE CONSTRUÍDA	14
2. O TRABALHO ALIENADO COMO ESTRANHAMENTO DO PRÓPRIO HOMEM.....	20
3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DA ATIVIDADE CRIADORA.....	25
3.1. O COMPROMETIMENTO POLÍTICO DO TRABALHO.....	29
4. O TRABALHO CRIATIVO COMO TENTATIVA DE SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO.....	33
4.1. OS JORNAIS E SUA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA COMO INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	38
5. ABORDAGEM DE PESQUISA SOBRE A REALIDADE PROBLEMATIZADA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	41
5.1. CONSTRUINDO OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO.....	44
5.2. PARA ALÉM DAS REFLEXÕES: AS ANÁLISES CATEGORIAIS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

Contribuo, inicialmente, para meu trabalho, com uma visão própria de pertencimento que, segundo Sá (2005), apresenta-se através “dos saberes práticos que sustentam” as relações entre indivíduo e meio ambiente (p. 247), ou seja, pertencimento como forma de ser peculiar ou característico de um grupo, uma comunidade ou uma pessoa, por exemplo. Assim, acredito que, ao construir relações de pertencimento, construo também o sujeito que sou, na medida em que este é constituído nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente.

A história desta construção apresenta-se através da noção que atribuo à atividade criadora e o que isto implica nas minhas experiências. Entendo por atividade criadora a habilidade que temos de transformar a realidade, sempre na intrínseca interação com nosso meio, buscando uma melhor qualidade nessas relações. Assim, acredito que somos todos criativos de formas diferentes, da forma que escolhemos ou necessitamos ser.

Minha proposta de pesquisa surge através da importância que atribuo à problemática da atividade criadora¹. Desde pequenos nós somos e gostamos de ser criativos. Minha maior expectativa é, e sempre foi, de tentar manter e expandir cada vez mais esta característica exclusiva de raciocinar, sentir e agir de forma construtiva. Esta pesquisa trata da importância da atividade criadora tensionada frente a determinadas condições do trabalho alienado (Marx, 2006a, Mészáros, 2006) e sua repercussão na questão socioambiental.

Nesta dissertação, trabalho com o conceito de atividade criadora, atualizando-a para a contemporaneidade da educação estética (MEIRA, 2003). Assim, a pesquisa problematiza a atividade criadora nos mais diversos ambientes em que ela pode ser trabalhada. Analisando textos jornalísticos e sua contribuição à Educação Ambiental, passo a recortar fatos da história recente relativos à constituição de cidadãos críticos e participativos capazes de transformação social e individual. Desta

¹ Historicamente, a palavra de ordem criatividade era assim definida: Capacidade inerente a todo indivíduo de criar, inventar coisas novas. Para alguns significa também a capacidade das pessoas de divergirem dos padrões consagrados com vistas à criação do novo ou de novas formas de pensar (ANTUNES, Celso. Glossário para Educadores(as). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001).

forma, entendo que os sujeitos, no exercício pleno de sua atividade criadora, trazem à visibilidade suas formas peculiares de interação com o ambiente.

Entendo a atividade criadora como forma de comprometimento com o novo através da realidade problematizada. Deste modo, acredito que o sujeito, a partir dele mesmo e através de um diálogo constante com o outro, possa melhor compreender as relações sociais e suas implicações nas relações com o meio ambiente, e assim ser capaz de construir de forma intrínseca sua autonomia (FREIRE, 1996) e criticidade sobre a realidade, buscando uma visão transformadora da mesma (LOUREIRO, 2004).

Assim, este estudo sobre a atividade criadora pauta-se, ainda, por explorar as possíveis relações socioambientais que os sujeitos estabelecem através da problematização do próprio trabalho e da realidade.

No primeiro capítulo, apresentei um breve contexto social, cultural e político para uma melhor compreensão da realidade concreta e historicamente construída. Problematizei, então, a questão da existência de uma sociedade de consumidores e o processo de mercantilização de produtos e pessoas como principal construção degradante para o ambiente e para os sujeitos.

No segundo capítulo, apresentei as relações estabelecidas, a partir do trabalho alienado, entre sujeitos e ambiente. Ao relacionar, ressaltai o estranhamento vivido pelo próprio homem e a exploração do mesmo pelo sistema de produção vigente. Assim, a fundamentação teórica deste capítulo teve como base a reflexão contemporânea de Mészáros (2005; 2006) sobre a sociedade em transição e suas repercussões socioambientais, com base, ainda, nos escritos de Marx (2006a) sobre a construção histórica da alienação.

No terceiro capítulo, abordei a Educação Ambiental a partir da atividade criadora como meio de transformação da realidade. Nele, e através de todo o trabalho, tratei de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória (LOUREIRO, 2004). Seus fundamentos e sua finalidade foram problematizados e relacionados com a atividade criadora para uma melhor compreensão do caráter transformador da mesma. Contudo, apresentei a atividade criadora a partir de Ostrower (2008), como forma de relação intrínseca e não alienada entre sujeito e ambiente.

Ainda, ressaltei o comprometimento político do trabalho, enquanto este se reflete diretamente nas relações socioambientais dos sujeitos, e como se relaciona com a atividade criadora e para além de uma lógica de mercado, como aspecto transformador da realidade.

No quarto capítulo, busquei valorizar o trabalho criativo, ou atividade criadora, como tentativa de superação da alienação, frente a uma realidade histórica repleta de repercussões sociais e ambientais relacionadas com a problemática do trabalho alienado, pois através da compreensão e do comprometimento em relação ao seu processo criador, o sujeito vai desconstituindo as concepções dominantes da realidade, e passa a ser capaz de transformá-la.

Também, neste capítulo, busquei mostrar a relevância de jornais críticos e politicamente independentes como instrumentos de pesquisa emancipatória e como forma de uma Educação Ambiental não formal.

No quinto capítulo, busquei construir uma possibilidade de diálogo entre a Educação Ambiental não formal e o desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, a partir da análise categorial de artigos de jornais que considere contra-hegemônicos, como o *Le Monde Diplomatique Brasil*, que nos permite uma visão global da realidade por ser reconhecido mundialmente, e como o *Brasil de Fato*, que apresenta um jornalismo mais específico como porta-voz dos movimentos sociais.

Assim, construí as análises categoriais através das seguintes categorias analíticas: *atividade criadora*, *trabalho alienado* e *repercussões socioambientais*. Também criei novas categorias empíricas, que surgiram a partir da própria pesquisa (MINAYO, 2006).

Na conclusão deste trabalho, busquei ressaltar o papel dos meios de comunicação politicamente independentes, como forma de Educação Ambiental não formal, na busca por transformações sociais e ambientais emancipatórias. Assim, trouxe, além do resultado das análises categoriais, o meu entendimento sobre a questão norteadora desta pesquisa.

Desta forma, os capítulos abordam, respectivamente, o contexto histórico da realidade vigente, o trabalho alienado, a Educação Ambiental como meio possível de transformação da realidade a partir da atividade criadora do sujeito comprometido politicamente através do seu trabalho, e o trabalho criativo como forma de superação da alienação. O trabalho pauta-se numa pesquisa bibliográfica sobre

artigos escolhidos nos jornais anteriormente citados.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO COMO PANO DE FUNDO DA REALIDADE CONSTRUÍDA

É possível pensar com Mészáros (2002), sobre alguns dos problemas centrais da atual sociedade: o processo de mercantilização e a centralização do poder sobre o sujeito. Tal sujeito, ao não refletir sobre suas relações sociais e sobre suas relações com o meio ambiente, afasta-se da natureza como um todo. Assim, o sistema em transição valoriza formas de compreensão da realidade a partir do reducionismo e da fragmentação dos fenômenos. Sua função social é promover o consumo através, principalmente, da criação de novos desejos fomentados pelos meios de comunicação como modo de manipulação (SANTOS, 2009a).

Tal modelo de racionalidade constituiu-se a partir do século XVI, com o domínio das ciências naturais, abrangendo as ciências sociais apenas no século XIX. A partir daí, surge, então, um modelo global de racionalidade científica (SANTOS, 2009a), totalitário, que não valoriza os conhecimentos construídos pelos sujeitos em sociedade “na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (p. 61). Essa é sua característica fundamental e a que melhor justifica uma ruptura de paradigma, pois se faz necessário um método específico para as ciências sociais, um método que valorize as diferentes formas de saber, visando respeitar a diversidade cultural sem uma ordem hierárquica.

Acrescento a este trabalho a contribuição neomarxista de Hardt e Negri (2005) sobre a constituição daquilo que eles denominam *Império*. Assim, diferentemente do imperialismo da Idade Moderna, o Império surge como uma nova ordem global de economia política, que assume sempre novas formas de soberania, para além das fronteiras territoriais. Atua, portanto, como uma nova lógica mundial de comando. Ou seja,

A transição para o Império surge do crepúsculo da soberania moderna. Em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de *descentralização* e *desterritorialização* do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império

administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras. As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e mesclaram, num arco-íris imperial global (HARDT; NEGRI, 2005, p. 12-13).

Em contrapartida, de acordo com Mészáros (2002), com referência à forma de organização da sociedade vigente, o sistema em transição² caracteriza-se pela propriedade privada dos meios de produção e pela liberdade de iniciativa dos próprios cidadãos, ou seja, “uma complexa transição histórica de uma formação social” (p. 1016). Assim, esse sistema está voltado para a fabricação de produtos denominados mercadorias, com o objetivo de obter o lucro.

Segundo Mészáros (2006), é comum “tratar o consumo como algo *passivo* e meramente *individualista*” (p. 186), no entanto ele se apresenta como a própria necessidade que o ser humano tem de produzir, ou seja, “a necessidade de consumo é, ao mesmo tempo, também uma necessidade de produção e, inversamente, a necessidade de produção é simultaneamente também uma necessidade de consumo” (p. 187), pois se relaciona “tanto com os produtos existentes quanto com os poderes e energias vitais do homem – um ser da natureza” (p. 187). Entendo, então, a partir do autor, que não haveria produção sem haver necessidade de consumo.

Desse modo, a valorização das mais diversas formas de consumo acaba gerando a degradação contínua da natureza e do indivíduo, na medida em que o ter é mais importante que o ser. Para exemplificar essa situação, ressalto o artigo de Leandro Uchoas, a partir do jornal *Brasil de Fato* (ver análise categorial no Capítulo 5.2, p. 53), no qual o autor apresenta o operador de telemarketing como integrante do novo proletariado, por representar uma grande massa de trabalhadores explorados e transformados pelo sistema pós-capitalista nas próprias mercadorias de consumo. Segundo Leandro, “A principal constatação dos estudos é a de que o operador de telemarketing, mesmo atuando no setor de serviços, é uma espécie de novo proletário”³.

² A partir de Mészáros (2002), o sistema em transição se apresenta, neste trabalho, através de uma complexa transição sócio-histórica, na tentativa de expressar as formulações originais de Marx. Da mesma forma, o termo “pós-capitalista” e suas derivações serão utilizados através do mesmo intuito.

³ UCHOAS, L. Do outro lado da linha, o proletário. *Brasil de Fato*. São Paulo, v. 8, n. 384, p. 3, 2010. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/1464>. Acesso em 20 jan. 2011.

Na visão de Guimarães (2000), “para esse modelo societal, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de modo dicotômico” (p. 25), ou seja, historicamente, o ser humano, a partir de uma sociedade em transição, sente-se afastado do meio ambiente, pois “percebe esse ambiente como suporte para seu desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização da humanidade” (p. 25). Dessa forma, o mesmo autor complementa que “esse distanciamento entre seres humanos e natureza produz a degradação de ambos” (p. 25). No entanto, ressalto que,

O homem deve ser descrito pensando-se em termos de suas necessidades e poderes. E ambos estão igualmente sujeitos a modificações e desenvolvimento. Em consequência, não pode haver nada de fixo em relação a ele, exceto o que se segue necessariamente de sua determinação como ser natural, ou seja, o fato de que ele é um ser com *necessidades* – de outro modo, não poderia ser chamado de ser natural – e *poderes* para satisfazê-las, sem os quais um ser natural não poderia sobreviver (MÉSZÁROS, 2006, p. 152).

Relaciono, então, o distanciamento vivido pelos sujeitos em relação ao seu ambiente com a alienação construída, de forma histórica, pela sociedade pós-capitalista, na medida em que o indivíduo não se sente parte da natureza como um todo. Portanto, o ser humano pode ser considerado alienado em relação a sua própria existência e, por consequência, constrói suas relações sociais e ambientais também a partir da alienação valorizada e não superada, já que os meios de existência estão na própria natureza. Considero, assim, que a raiz do problema apresenta-se através, principalmente, do próprio trabalho enquanto constituição fundamental para os sujeitos, ou seja, como processo criador do ser social.

Sobre o trabalho, enquanto autorrealização do ser humano que o afirma como uma espécie consciente, livre e universal, diferentemente da atividade animal que se apresenta como instintiva e repetitiva, Marx (2006a), em *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, nos diz que,

O animal identifica-se prontamente com sua atividade vital. Não se diferencia dela. É a *sua própria atividade*. Mas o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital lúcida [...]. Exclusivamente por este motivo é que a sua atividade surge como atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser lúcido, transforma a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua *existência* [...]. Sem dúvida, o animal também produz.

Ergue um ninho, uma habitação, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Mas só produz o que é absolutamente necessário para si ou para seus filhotes; produz apenas numa só direção, ao passo que o homem produz universalmente [...]; o animal apenas se produz a si, ao passo que o homem reproduz toda natureza [...] (pp. 116-117).

O trabalho, no sistema pós-capitalista, atua como forma de alienação de homens e mulheres, na medida em que apenas reproduz a sociedade vigente. Assim, a alienação apresenta-se por estabelecer uma relação de estranhamento entre o sujeito e o produto do seu trabalho. Ao reproduzir a sociedade, o homem reproduz valores e formas pós-capitalistas de compreensão da realidade, não sendo capaz de enxergar para além desta e, ainda, de transformá-la. Sua liberdade, portanto, desconstrói-se em prol da reprodução social pós-capitalista. Contudo, ressalto, a partir de Marx (2006a), que:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (p. 111).

No entanto, entendo que realizar a liberdade humana é tarefa complexa, pois, segundo Mészáros (2006), ela não significa “a *transcendência* das limitações (caráter específico) da natureza humana, mas uma *coincidência* com elas” (p. 149), ou seja, “a liberdade humana não é a *negação* daquilo que é especificamente *natural* no ser humano – uma negação em favor do que parece ser um *ideal transcendental* – mas, pelo contrario, sua *afirmação*” (p. 149). Assim, para Marx, o ser humano concreto existe, “tanto como *efetividade* (o ‘homem-mercadoria’ alienado) quanto como *potencialidade* (o que Marx chama de ‘o rico ser humano’)” (MÉSZÁROS, 2006, p. 150).

Por esse viés, é possível pensar que a sociedade em transição pode fragmentar o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada sujeito, a construção da autonomia (FREIRE, 1996) e a capacidade de criar para além do que parece estar estabelecido pela própria sociedade, enquanto a mesma constitui os sujeitos ao mesmo tempo em que estes constituem tal sociedade. Destaco, então,

segundo Hamilton Faria, a partir do artigo *Caminhos para uma agenda sustentável para o Le Monde Diplomatique Brasil*, que “A sociedade precisa compreender a ideia do “desenvolver-se com arte”, gerando formas mais sensíveis de ver o mundo”⁴. Concordando com Faria, o trabalho como atividade criadora poderia vir a resgatar esse sentido e esse modo de ver a relação entre o humano, seu meio ambiente e sua cultura.

O sentido do sensível no humano, segundo a arte-educadora Marly Meira (2003) – a qual, assim como Fayga Ostrower, é referência histórica da Arte-Educação no Brasil –, apresenta-se como conhecimento complexo, pois “o humano não se constitui no sujeito, nem no objeto, mas no conhecimento sensível que se gera na interação de ambos, quando então se instaura um mundo de sentido para ambos” (p. 124). Assim, essa instauração “qualitativa de interações criativas com o ambiente, a cultura, a linguagem, é responsável pelo desenvolvimento do sentido do humano em nós” (p. 124). Dessa forma, no processo dessas interações não se faz importante se penetraram ilusões ou fatos e, sim, “o sentido que tais experiências ganham na constituição da autopoiese” (p.124).

A autopoietica, a partir de Meira (2003), é um termo usado por Humberto Maturana e Francisco Varela “para se referir à dinâmica interativa da metamorfose criadora do conhecimento” (p. 27), enquanto todo conhecer é fazer, e vice-versa. Esse fazer, portanto, está atrelado ao emocional que, por sua vez, determina as formas de comunicação. É uma nova exposição científica que considera o sujeito no contexto em que concretiza suas cognições (MEIRA, 2003). Dessa forma, em qualquer competência do conhecimento, “é o que constitutivamente consideramos como ações – distinções, operações, comportamentos, pensamentos ou reflexões adequadas como operacionais para atuar como um ser vivo” (MEIRA, 2003, p. 27).

Assim, a atividade criadora é um fator importante para o ser humano. Ela é o exercício desbloqueado das próprias potencialidades e, portanto, está ligada à subjetividade de cada um através da produção do novo em prol de transformações nas relações socioambientais. Contudo, segundo Faria, “A arte e seus processos

⁴ FARIA, H. Caminhos para uma agenda sustentável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 35, p. 36-37, Jun. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=715>. Acesso em 20 jan. 2011.

criativos têm contribuído sobremaneira para uma cultura de paz e direitos”⁵, ou seja, “são inseparáveis do ato de viver e contribuem para a formação de comunidades empáticas e sensíveis, unindo as pessoas pelo afeto e pela solidariedade, abrindo caminhos para a reinvenção do mundo”⁶.

No capítulo a seguir, ressaltarei a questão do trabalho alienado como principal causa do estranhamento vivido por homens e mulheres ao longo da história. Desta forma, abordarei o sistema de produção pós-capitalista e suas repercussões sociais e ambientais geradas a partir das relações que este estabelece de forma histórica e concreta.

⁵ Idem

⁶ Ibidem

2. O TRABALHO ALIENADO COMO ESTRANHAMENTO DO PRÓPRIO SER HUMANO

Início este capítulo, ressaltando que a origem do conceito de alienação permite-nos pensar não só a partir de influências intelectuais, mas as raízes de determinadas problemáticas sócio-históricas. Considero, então, a teoria da alienação de Marx, construída através da influência direta da economia política inglesa, Feuerbah e Hegel, por refletir aspectos concretos da realidade e o intercâmbio entre eles (MÉSZÁROS, 2006). Marx investiga “tanto os aspectos *históricos* quanto os *sistemático-estruturais* da problemática da alienação, em relação às complexidades duais da ‘vida real’ e dos seus ‘reflexos’ nas várias formas de pensamento” (MÉSZÁROS, 2006, p. 96).

Marx, portanto, visa enfrentar apropriadamente com as complexidades de sua temática através de uma análise empírica concreta da realidade, e não a partir de abstrações filosóficas. Sendo assim, segundo Mézáros (2006, p. 96), Marx analisa:

1) As manifestações da auto-alienação do trabalho na realidade, juntamente com as várias institucionalizações, reificações e mediações envolvidas nessa auto-alienação prática, isto é, trabalho assalariado, propriedade privada, intercâmbio dinheiro, renda, lucro, valor etc. etc.; 2) Os reflexos dessas alienações por intermédio da religião, da filosofia, do dinheiro, da economia política, da arte, da ciência “abstratamente material” etc.; 3) Os intercâmbios e reciprocidades entre (1) e (2) [...]; 4) O dinamismo interno de qualquer fenômeno particular, ou campo de investigação, em seu desenvolvimento de uma complexidade menor para uma maior; 5) As inter-relações estruturais dos vários fenômenos sociais (das quais a reciprocidade entre 1 e 2 é apenas um tipo específico), bem como a gênese histórica e a renovada transformação dialética de todo esse sistema de inter-relações múltiplas; 6) Uma complicação adicional está no fato de que Marx analisa as teorias em seu contexto histórico concreto, além de investigar as relações estruturais de umas com as outras em cada período particular [...];

Dessa forma, o trabalho alienado surge por se apresentar através da relação que o(a) trabalhador(a) estabelece com seu produto ou o processo de produção, ou seja, “o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor” (MARX, 2006a, p. 111). Assim, segundo Marx (2006a), o produto do trabalho, ao se fixar em um objeto, se

transforma “em coisa física” (p. 113), ou seja, é a “*objetivação do trabalho*” (p. 112), pois “a realização do trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação” (p. 112). Dessa forma, “a realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*” (p. 112). Contudo, ainda segundo o autor,

A realização do trabalho surge de tal modo como desrealização que o trabalhador se invalida até à morte pela fome. A objetivação revela-se de tal maneira como perda do objeto que o trabalhador fica privado dos objetos mais necessários, não só à vida, mas também ao trabalho. Sim, o trabalho transforma-se em objeto, que ele só consegue adquirir com o máximo de esforço e com interrupções imprevisíveis. A apropriação do objeto manifesta-se a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o trabalhador produzir, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto, do capital (MARX, 2006a, p. 112).

Considero que a tendência à alienação do trabalho é reflexo da exploração dos seres humanos pelo sistema de produção em transição, na medida em que se evidencia que eles perdem o domínio da concepção de sua atividade e, então, passam a perpetuar a concepção de mundo da sociedade que os manipula, pois quanto mais o(a) trabalhador(a) se esgota a si mesmo(a), mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele(a) cria diante de si, mais pobre ele(a) fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio (MARX, 2006a, p. 112). Marx nos faz pensar ainda que:

A *alienação* do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência *externa*, mas que existe independentemente, *fora dele* e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (MARX, 2006a, p. 112).

E, as formas contemporâneas de estranhamento, segundo Antunes (2009), mostram-se mais complexificadas, pois os aparentes benefícios oferecidos aos trabalhadores no processo de trabalho são compensados através do capital, na medida em que “a *necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender aos desejos do*

mercado consumidor” (p.130). No entanto, o consumo, a defesa ao consumidor e sua satisfação é condição necessária ao sistema de produção do capital para que se preserve a própria empresa, ou seja,

a aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as *personificações do trabalho* devem se converter ainda mais em *personificações do capital* se assim não o fizerem, se não demonstrarem essas “aptidões”, (“vontades”, “disposição” e “desejo”), trabalhadores serão substituídos por outros que demonstrem “perfil” e “atributos” para aceitar esses “novos desafios” (ANTUNES, 2009, p. 130).

Deste modo, ressalto que, seja através do exercício do trabalho manual ou do imaterial, ambos são “controlados pelo sistema de metabolismo societal do capital, o *estranhamento (Entfremdung) do trabalho* encontra-se, em sua essência, preservado” (ANTUNES, 2009, p. 130). Para trabalho imaterial, Antunes (2009) nos apresenta como aquele que requer maior dimensão intelectual, como, por exemplo, trabalhos de pesquisa, publicidade, construção de programas computacionais. No entanto, ele ressalta que,

o *trabalho imaterial* no interior da *grande indústria* possui uma interseção clara entre a esfera da subjetividade do trabalho (seu traço mais propriamente intelectual e cognitivo) e o processo produtivo, que obriga frequentemente o trabalhador a “tomar decisões”, “analisar as situações”, oferecer alternativas frente a ocorrências inesperadas (p. 127).

Sob a visão da apropriação da subjetividade dos(as) trabalhadores(as), o ideal pós-capitalista domina as mais diversas formas de opressão durante o processo de produção. Nesse sentido, Mészáros (2006) ressalta, a partir de Marx, que a alienação não se apresenta como exclusividade do(a) trabalhador(a), ou seja, “há dois lados na *mesma* alienação humana” (p. 162). Assim, entendo que a alienação atua de forma semelhante à relação opressor-oprimido, pois a opressão atua também como desumanização, como uma vocação do ser menos (FREIRE, 2005).

Relaciono, também, o trabalho alienado e a natureza enquanto “o trabalhador nada pode criar sem a *natureza*, sem o *mundo externo sensível*. Este é o material onde se realiza o trabalho, onde ele é ativo, a partir do qual e por meio do qual produz coisas” (MARX, 2006a, p. 112). Por este viés, entendo que se faz necessário um comprometimento político nas relações de trabalho e com a natureza, pois estas

relações refletem-se diretamente nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente, pois

assim como a natureza fornece os *meios de existência* do trabalho, no sentido de que o trabalho não pode *viver* sem objetos, nos quais se exercita, da mesma forma ela proporciona os *meios de existência* em sentido mais restrito, a saber, os meios de existência física do próprio *trabalhador* (MARX, 2006a, pp. 112-113).

Pela conversão dos indivíduos em “coisas” através da reificação das relações humanas, e pela fragmentação da sociedade em indivíduos isolados, Mészáros (2006) ressalta o conceito de alienação como “transformação de tudo em mercadoria” (p. 39). Assim, a alienação da humanidade apresenta-se, principalmente, através da transformação de todas as relações em objetos alienáveis, vendáveis, no sentido em que a venda é a própria prática da alienação enquanto prática de conservação da realidade vigente. Pois, segundo o mesmo autor,

a ordem social da “sociedade civil” só se poderia sustentar com base na conversão das várias áreas da experiência humana em “mercadorias vendáveis”, e só poderia seguir, relativamente imperturbável, o seu curso de desenvolvimento enquanto essa mercantilização universal de todas as facetas da vida humana, inclusive as mais privadas, não alcançasse seu ponto de saturação (MESZAROS, 2006, p. 39).

Da mesma forma, entendo o conceito de alienação como construção social advinda de uma abordagem histórica dos problemas nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente. Na atualidade, segundo Leandro Uchoas, como exemplo, pode-se destacar o espaço percorrido pela tecnologia enquanto produção histórica da alienação e da exploração do trabalho, ou seja, “O avanço tecnológico está a serviço das relações de exploração e da busca por lucro”⁷. Assim, “O aclamado avanço tecnológico não tem gerado benefícios sociais e a exploração do trabalho segue, revestida por novos formatos”⁸. Contudo, sua transcendência deve ser também histórica. Assim,

⁷ UCHOAS, L. Do outro lado da linha, o proletário. *Brasil de Fato*. São Paulo, v. 8, n. 384, p. 3, 2010. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/1464>. Acesso em 20 jan. 2011.

⁸ Idem

“Alienação” é um conceito eminentemente histórico. Se o homem é alienado, ele deve ser alienado *com relação* a alguma coisa, como resultado de certas *causas* – o jogo mútuo dos acontecimentos e circunstâncias em relação ao homem como sujeito dessa alienação – que se manifestam em um contexto *histórico*. Do mesmo modo, a “transcendência da alienação” é um conceito inerentemente histórico, que vislumbra a culminação bem-sucedida de um processo em direção a um estado de coisas qualitativamente diferente (MESZAROS, 2006, p. 40).

Considero, ainda, o papel da educação em relação ao trabalho alienado enquanto ela deva qualificar para a vida, e não para o mercado (MÉSZÁROS, 2005). Mézáros (2005) ressalta que educar é resgatar o sentido da própria educação e sua relação com o trabalho a partir de suas capacidades criativas e emancipatórias para além dos espaços pedagógicos, das salas de aula, pois se faz necessário a superação de uma lógica de mercado. Já Hamilton Faria, do *Le Monde Diplomatique Brasil*, propõe que “Educar para outro cenário que vise construir um outro mundo possível implica absorver realidades poéticas, construir mundos poeticamente habitáveis, presentes além da dimensão racional da cultura”⁹.

Assim, conduzirei o capítulo a seguir, através de uma proposta política de Educação Ambiental a partir da atividade criadora, ou seja, abordarei a importância e a urgência de uma nova sociedade que valoriza formas de emancipação e superação de problemas históricos degradantes tanto para os sujeitos como para o ambiente.

⁹ FARIA, H. Caminhos para uma agenda sustentável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 35, p. 36-37, Jun. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=715>. Acesso em 20 jan. 2011.

3. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DA ATIVIDADE CRIADORA

Anterior ao começo do sistema capitalista, o processo de trabalho era distinto do processo que hoje se apresenta. Os indivíduos são dependentes uns dos outros, e essa relação de dependência caracteriza as relações sociais de produção e outras esferas da vida pessoal dos(as) trabalhadores(as). As relações sociais através do trabalho desvelam-se como as próprias relações pessoais, e não como as relações entre coisas ou mercadorias. As relações de trabalho apresentam-se através de suas peculiaridades e não através de sua generalidade como acontece na produção pós-capitalista.

Penso que a Educação Ambiental pode ser uma possibilidade de superação da alienação tratada no capítulo anterior, pois contempla a complexidade das relações do ser humano com o outro e com a natureza, implicando a capacidade de transformação a partir das próprias relações socioambientais de que trata. Segundo Loureiro (2004), “o movimento de mudança da condição alienada no capitalismo deve ser complexo, integral e simultâneo” (p. 96), Fica claro, então, que este processo de transformação não existe sem sujeitos conscientes e capazes de perceber tal complexidade nas relações estabelecidas pelo sujeito com os outros e com a natureza. Portanto,

o processo de conscientização deixa de ser unidirecional, e passa a se definir como um movimento coletivo, com o mundo, pelo qual o ‘eu’ é sujeito e objeto do conhecimento e no qual ocorre um desvelar da realidade, que se realiza pela prática social (LOUREIRO, 2004, p. 96).

Segundo Reigota (2009), a Educação Ambiental “busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza” (p. 97), bem como “desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas, sociais e pessoais” (p. 97). Trago, ainda, a partir de Hamilton Faria, no artigo *Caminhos para uma agenda sustentável*, publicado no

jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, de que é necessária a valorização de “formas de vida onde não somos o centro da existência, mas participamos de uma rede de relações vitais em que as espécies colaboram entre si e são solidárias para a construção de uma vida digna”¹⁰. Assim,

a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos e as cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza (REIGOTA, 2009, p. 14).

Desta forma, ressalto que as características da crise do paradigma dominante (SANTOS, 2009b) revelam as perspectivas de um novo paradigma na medida em que sustentam dicotomias como entre sujeito e objeto, e quando não contemplam o diálogo baseado na questão dialética e histórica da realidade problematizada e, principalmente, sobre as questões ambientais. Segundo Guimarães (2000),

a crise ambiental reflete a crise deste modelo de sociedade urbano-industrial que potencializa, dentro de sua lógica, valores individualistas, consumistas, antropocêntricos, e ainda como componente desta lógica, as relações de poder que provocam dominação e exclusão, não só nas relações sociais como também nas relações sociedade-natureza (p. 24).

Contudo, o paradigma hegemônico entende meio ambiente como local de exploração econômica e não como, segundo Lopez Velasco (2003), espaço de tempo e história, ou como espaço físico e social onde os indivíduos interagem entre si e com a natureza.

A Educação Ambiental compreende o sujeito como autor da sua própria ação em comunhão com a natureza e na constante busca pela sua autonomia através de transformações na qualidade de suas relações sociais e das relações com o ambiente. Assim, os sujeitos buscam, através do diálogo, caminhos suficientes para a compreensão da realidade problematizada, e conscientemente é capaz de gradual transformação individual e coletiva.

¹⁰ FARIA, H. Caminhos para uma agenda sustentável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 35, p. 36-37, Jun. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=715>. Acesso em 20 jan. 2011.

Segundo Ostrower (2008), “a consciência nunca é algo acabado ou definitivo” (p. 10), ou seja, “ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver e agindo, ao transformar a natureza se transforma também” (p. 10). Assim, homens e mulheres não somente percebem as transformações como, sobretudo, nelas se percebem (p. 10). Através da consciência crítica sobre a realidade a partir da atividade criadora, o sujeito é capaz de construir uma nova história de vida pelo viés da emancipação, ou seja, “os territórios ganham outros significados além da exclusão, como expressão significativa da criatividade e da reorientação de vida para um lugar mais alto que o destinado pela história vivida”¹¹.

A partir do *Le Monde Diplomatique Brasil*, Hamilton Faria acredita que estimular dimensões “do reconhecimento entre pessoas e comunidades, a emoção presente nas relações humanas e culturais, a capacidade de rir e sonhar possibilidades de criação e vida podem dar este diferencial da cultura de que tanto necessitamos”¹². Da mesma forma, o mesmo autor ressalta que, “A cultura do consumo deverá também ser objeto de nossas preocupações culturais, pois além de empobrecer valores da sociedade, trazendo sentidos materiais, contribui para a degradação de culturas”¹³.

A atividade criadora traz para o sujeito a possibilidade de criação do novo a partir de suas próprias características em comunhão com o outro e seu meio, sem implicar a padronização dos sujeitos através da cultura do consumo e da divisão do trabalho (MESZÁROS, 2006) promovida pela sociedade dominante, pois essa padronização existe justamente para a conservação da própria sociedade. Assim, o homem e a mulher criam, não apenas porque querem, ou porque gostam e, sim, porque precisam; eles só podem crescer, enquanto seres humanos, coerentemente, ordenando, dando forma, criando (OSTROWER, 2008, p. 10).

A atividade criadora, ou trabalho criativo, pode ser considerada um processo sociocultural e não apenas um fenômeno individual, por não depender apenas de fatores intrapessoais, mas sim das contribuições advindas das relações com o outro e com a sociedade como um todo. É a integração do ser e do fazer, através da

¹¹ Idem
¹² Ibidem
¹³ Ibidem

constante reflexão do próprio potencial criador e da problematização da realidade, visando possíveis transformações das relações socioambientais, a partir de um processo contínuo e dialético.

Como exemplo de atividade criadora, também trago as lutas dos membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, MST, por uma sociedade mais justa e solidária, considerando o engajamento desses coletivos para transformar a realidade para além do capital. Assim, a partir do artigo de Ricardo Lísias, alguns exemplos podem ser ressaltados para ilustrar o trabalho criativo construído pelo MST, principalmente através dos depoimentos das pessoas integrantes do movimento, ou seja, segundo Ricardo, “Elas gostam de mostrar suas habilidades, falam com segurança, refletem o tempo inteiro sobre questões políticas e não parecem sentir vergonha do estado de privação que, em muitos casos, vivem”¹⁴. O autor relaciona essa estima elevada deles próprios ao desempenho artístico e cultural desses protagonistas, que se sentem circunstanciados com seu trabalho criativo. Dessa forma, a consciência construída a partir das relações sociais e ambientais, intrínsecas a todo processo criativo, permite problematizar a realidade pelo viés da emancipação.

A criação do novo significa estabelecer relações até então não instituídas pelo sujeito que visa transformações nas suas relações sociais e ambientais. Assim, a atividade criadora pode se referir à interação de fatores que o sujeito estabelece no processo criativo ou ao próprio produto da atividade criadora. Ela se apresenta através de uma nova relação resultante da capacidade única do sujeito, da interação social e da relação com o ambiente.

Segundo Ostrower (2008), “o ato criador, sempre ato de integração, adquire seu significado pleno só quando entendido globalmente” (p. 56). Assim, também o ser humano não pode ser considerado através de suas partes, ou seja, só pode ser considerado como um todo integrado às suas partes. Esta visão global dependerá de uma sensibilidade necessária entre o todo e as partes constitutivas das relações sociais e ambientais. Portanto, “*a visão global dependerá da sensibilidade de uma pessoa; mas, reciprocamente, para se transformar em capacidade criativa, a sensibilidade sempre dependerá dessa visão global*” (OSTROWER, 2008, p. 39).

¹⁴ LÍSIAS, R. Em Iaras, o MST produz. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 33, p. 10-11, Abr. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=655>. Acesso em 20 jan. 2011.

Segundo Hamilton Faria, “O território é mais que uma geografia, ele é construído por potências vitais e redes de relacionamentos que se deslocam e ampliam experiências e imaginários”¹⁵, ou seja, a visão global necessária ao ato criador depende da sensibilidade do sujeito comprometido globalmente com a transformação da sua realidade.

Como procurei refletir nesta parte do capítulo, a partir do debate atual sobre Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, as relações históricas entre atividade criadora e trabalho me levam a inferir que, diante da urgência de uma nova sociedade e de novas relações sociais e ambientais, é necessário um comprometimento político de transformação da realidade, ou seja, uma Educação Ambiental como educação política (REIGOTA, 2009), que pode se apresentar através dos mais diversos espaços pedagógicos, comprometida com a constituição de cidadãos críticos, autônomos e capazes de buscar alternativas criativas para os problemas socioambientais.

3.1. O COMPROMETIMENTO POLÍTICO DO TRABALHO

Em um planeta com imensas desigualdades e contradições, a educação apresenta-se como um fator de esperança e transformação para a sociedade, segundo Freire (1996), não apenas permitindo o acesso ao conhecimento, à participação, mas propiciando condições para que o sujeito desenvolva sua autonomia através da construção social do conhecimento, ou seja, através do diálogo entre sujeitos, valorizando as visões divergentes, sempre mediatizado pelo mundo.

Penso que a atividade criadora é um fator da maior importância para o sujeito e que o favorece durante toda sua vida. Ela é uma característica essencial e sua

¹⁵ FARIA, H. Caminhos para uma agenda sustentável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 35, p. 36-37, Jun. 2010. Disponível em: <http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=715>. Acesso em 20 jan. 2011.

prática é absolutamente cotidiana. No entanto, segundo Vygotsky (2001), “a tendência que menos se observa nesse sistema sociológico – na filosofia do materialismo histórico – é, evidentemente, a de explicar, seja o que for, a partir do psiquismo humano como causa final” (p. 11).

Existem vários aspectos que podem ser abordados quando se trata do ser humano e da sociedade. O sujeito, sendo um participante intenso, pode ser compreendido de forma individual, com suas características e potencialidades próprias ao mesmo tempo em que pode ser estudado em sua coletividade. Segundo Dalmo Dallari (2004), o ser humano não apenas vive, mas, sim, convive com outros homens e mulheres. Dallari diz:

E não é só porque necessita dos serviços dos outros seres humanos para a manutenção de sua casa, o preparo dos alimentos e o cuidado de sua saúde, mas porque todo ser humano tem necessidades afetivas, psicológicas e espirituais, que só podem ser atendidas com a ajuda e a participação de outros seres humanos (DALLARI, 2004, p. 13).

Segundo o mesmo autor, todos nós sentimos necessidades, inclusive psicológicas, que só podem ser supridas com a interação entre os sujeitos. Por isso, o ser humano pode ser caracterizado como um ser político, por fazer parte de sua natureza a vida em sociedade (DALLARI, 2004).

Considero a importância do comprometimento político do trabalho, enquanto este é refletido nas relações sociais, ou seja, nas relações entre os sujeitos, com o meio ambiente e com a natureza. No mesmo sentido, segundo Dallari (2004), “a política é a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum” (p. 10). Ou seja, faz-se necessário o comprometimento político do trabalho, pois as relações de trabalho refletem a relação recíproca entre indivíduo e natureza. Dessa forma,

é preciso considerar que “política” tanto pode referir-se à vida de seres humanos integrados e organizados numa sociedade, onde são tomadas decisões sobre os assuntos de interesse comum, como pode referir-se ao estudo dessa organização e dessas decisões (DALLARI, 2004, p. 10).

Assim, somos cercados de pessoas com características diferentes das nossas, pessoas que pensam e que agem distintamente. Convivemos com pessoas

que se constroem de diversas formas. A confiança nas potencialidades das outras pessoas é importante no processo de convivência, pois permite, além da aceitação e o respeito ao diferente, a construção coletiva de conhecimentos advindos do que até então era pessoal, íntimo de alguém que, agora, compartilha ou socializa suas características, seus sentimentos, emoções, idéias e pensamentos. Sendo assim, as visões sobre o mundo podem variar entre as pessoas, pois como já foi dito, são individuais.

No pensamento de Paulo Freire, as relações sujeito-sujeito e sujeito-mundo são indissociáveis. Segundo o autor, “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 2005, p. 68). A interação social é condição indispensável para a aprendizagem, pois a heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo. Através da atividade criadora, ou seja, a partir do exercício de suas próprias potencialidades, o sujeito constrói sua autonomia, propiciando um pensamento mais crítico em relação à realidade problematizada, sendo capaz, então, de transformá-la.

Assim, o comprometimento político através do trabalho pode se apresentar através da atividade criadora, no sentido, segundo Mézáros (2005), de pensar e agir para além de uma lógica de mercado, quando o ser humano necessita transformar sua realidade, com o objetivo de construir novas relações sociais e com a natureza, ou seja, relações emancipatórias tanto para os sujeitos quanto para o ambiente, através do trabalho.

Esse comprometimento político pode ser melhor percebido, também, através do engajamento dos membros do MST, descrito por Ricardo Lísias¹⁶, no artigo *Em Iaras, O MST produz*, publicado em abril de 2010, pelo jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, pois mesmo com todas as dificuldades por eles vividas, o movimento trabalha para superar dicotomias e injustiças sociais em busca de mais solidariedade, menos acúmulo de capital e uma melhor relação com a natureza, principalmente através da atividade criadora. Da mesma forma, é o caso do artigo *O curral que virou centro cultural*, escrito por Márcio Zonta¹⁷, publicado pelo jornal

¹⁶ LÍSIAS, R. Em Iaras, o MST produz. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 33, p. 10-11, Abr. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=655>. Acesso em 20 jan. 2011.

¹⁷ ZONTA, M. O curral que virou centro cultural. *Brasil de Fato*. São Paulo, v. 8, n. 390, p. 8, 2010. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/169>. Acesso em 20 jan. 2011.

Brasil de Fato, em agosto de 2010, no qual os membros do MST criaram um centro cultural, onde antes era um curral, para promover acontecimentos culturais capazes de trazer a emancipação social e cultural aos sujeitos.

No capítulo a seguir, busquei refletir sobre o comprometimento do trabalho através da atividade criadora em prol da superação da alienação. O trabalho criativo permite uma melhor compreensão da realidade através da consciência crítica construída nos processos criativos. Assim, o capítulo a seguir visa problematizar a tensão entre atividade criadora e alienação.

4. O TRABALHO CRIATIVO COMO TENTATIVA DE SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO

Segundo Mészáros (2006), ao tentar conceber o homem como parte da natureza, é necessário contemplar uma concepção histórica da própria natureza, considerando a necessidade de conhecer de forma distinta seu interior e também através de uma forma particular de diferenciação “que resulta na relação intrínseca entre homem e natureza” mediatizada pelo trabalho (p. 116). Assim, esse fator particular de diferenciação pode se apresentar através do conceito de *atividade* como trabalho que, segundo Mészáros (2006), é historicamente e logicamente anterior ao conceito de homem. Mas, segundo o autor, sobre a relação ser humano-natureza-trabalho, “todos os três membros dessa relação dialética pertencem ao mesmo todo complexo, e nenhum deles pode ser abstraído sem destruir essa relação específica como tal” (MÉSZÁROS, 2006, p. 117). No entanto, segundo Marx (2006a), ao partir de um fato econômico contemporâneo, “a realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*” (p. 112). Assim, Fayga Ostrower ressalta que:

Há muito, o ser humano vive alienado de si mesmo. As riquezas materiais, os conhecimentos sobre o mundo e os meios técnicos de que se dispõe, em pouco alteram essa condição humana. Ao contrário, o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas funções que deve exercer, pressionado por múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de se integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos (2008, p. 6).

Segundo Ostrower (2008), na produção capitalista, o processo de trabalho “reduz o fazer a uma rotina mecânica, sem convicção ou visão ulterior de humanidade” (p. 39). Pois, “se exclui do fazer o sensível, a participação interior, a possibilidade de escolha, de crescimento e de transformação” (p. 39). Também

“reduz a própria inteligência humana a um vasto arsenal de informações ‘pertinentes’, não relacionáveis entre si e desvinculadas dos problemas prementes da humanidade” (p. 39). Contudo, ainda segundo a autora, sobre o trabalho e a produção hegemônica: “enquanto o fazer humano é reduzido ao nível de atividades não-criativas, joga-se para as artes uma imaginária supercriatividade, deformante também, em que já não existem delimitações, confins de materialidade” (OSTROWER, 2008, p. 39).

Para que possamos potencializar nosso processo criador, é necessário antes compreendê-lo. As relações de produção podem vir a desfigurar o caráter ontológico do processo criativo, ou seja, o homem e a mulher, enquanto sujeitos, passam a impregnar seu imaginário de determinadas concepções dominantes, como o mecanicismo, a concepção da existência de uma verdade absoluta, ou seja, características de um paradigma dominante. Tal paradigma, segundo Santos (2009), constitui-se a partir de “um modelo global de racionalidade científica” (p. 21) que, de forma histórica, reflete nas nossas construções e compreensões sobre a realidade. Assim,

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (SANTOS, 2009b, p. 21).

E essas relações serão determinantes para o seu devir, na medida em que, nesse processo de perda da condição de criador do seu trabalho, homens e mulheres vão subordinando-se à lógica de mercado. Segundo Marx (2006a), “a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro” (p. 114). Ou seja, “pertence a outro e é a perda de si mesmo” (MARX, 2006a, p. 114). Assim,

o trabalho é exterior ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito (MARX, 2006a, p. 114).

Ressalto que Marx, em seu tempo, reflete muito dos problemas da nossa atualidade e, com o auxílio de Mészáros, é possível problematizar a realidade a partir de sua historicidade, pois ele nos conduz a Marx de forma contextualizada, e seu papel nesta pesquisa é trazer o pensamento marxista à atualidade. Os autores neomarxistas Hardt e Negri (2005), por outro lado, ampliam esse pensamento, propondo uma territorialidade ampla que se dilui nas relações de poder, tendo como base o papel da multidão na concepção de uma nova realidade ontológica.

Dessa forma, considero, a partir de Hardt e Negri (2005), o papel da multidão como movimento contrário à lógica de mercado, “propondo as condições de uma nova subjetividade política, uma multidão insurgente contra o poder imperial” (p. 418). Como confirmação dessa hipótese, os autores sugerem que façamos uma análise da constituição contemporânea da multidão e, então, “demorar-se na vitalidade de suas expressões atuais” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 419). Assim, eles acreditam que,

Quando a multidão trabalha, ela produz autonomamente e reproduz todo o mundo da vida. Produzir e reproduzir autonomamente significa construir uma nova realidade ontológica. Com efeito, ao trabalhar, a multidão se produz a si mesma como singularidade. É uma singularidade que estabelece um novo lugar no não-lugar do Império, uma singularidade muito real produzida por cooperação, representada pela comunidade lingüística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização (HARDT; NEGRI, 2005, p. 419).

Enfim, segundo os mesmos autores, “a multidão afirma sua singularidade invertendo a ilusão ideológica de que todos os seres humanos nas superfícies globais do mercado mundial são permutáveis” (2005, p. 419). Sendo assim, se faz necessária, no entanto, a busca pela problematização constante da realidade pela multidão, pois, ao visar transformações nas relações sociais e com o meio ambiente a partir da criação de uma nova lógica, constrói-se, também, sempre, uma nova visão socioambiental, que atua de modo dialético.

Assim, a atividade criadora, por se apresentar através da produção do novo em sintonia com o meio ambiente, permite uma melhor compreensão dessa realidade ontológica por um viés da consciência crítica sobre ela. Dos artigos pesquisados, destaco, neste particular, o *Militância Avatar*, pois o mérito desse artigo, no meu entendimento, é a capacidade de metaforizar o ambiente, ou seja,

fazer uma leitura simbólica do mesmo. Através da atividade criadora, muitos sujeitos dos artigos analisados, como no caso desse último citado, procuram trazer um novo significado para as relações sociais e ambientais a partir da problematização da realidade. Essa metaforização do ambiente reflete de forma satisfatória os indivíduos como atores sociais, pois estabelece um diálogo entre o imaginário e a realidade concreta na busca por transformações conscientes das relações socioambientais construídas.

O artigo aborda a manifestação de militantes palestinos, israelenses e de outras nacionalidades, na Cisjordânia, que se utilizaram de personagens já criados por James Cameron para o filme *Avatar* para refletir e expressar suas idéias e reivindicações sobre a sua realidade concreta, ou seja, os militantes personificados de Na'vi, povo que defende seu espaço contra indivíduos de uma cultura dita dominante no filme, através da consciência política e, a partir da atividade criadora, buscam, “vestidos com véus e *keffiehs* e adornados com orelhas e rabos pontudos”¹⁸, transformar a realidade das suas relações sociais e ambientais envolvidas em todo processo.

O comprometimento político pode ser parte constitutiva dos sujeitos, do processo de criação e da própria atividade criadora, pois tem a capacidade de projetar a consciência sobre a realidade e suas transformações. Segundo Meira (2003), “criar é poder conectar-se politicamente com a contemporaneidade, esforço de compreensão sobre necessárias mudanças na sociedade” (p. 70). Portanto, ao visar possíveis transformações socioambientais, o ser criativo é capaz de criar e se comprometer com o processo de criação e, da mesma forma, com seu produto.

Assim, ressalto, a partir de Ostrower (2008), que

A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura como uma premissa básica da criação, pois além de resolver situações imediatas o homem é capaz de a elas se antecipar mentalmente. Não antevê apenas certas soluções. Mais

¹⁸ JINKINS, H. Militância Avatar. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 4, n. 38, p. 34, Set. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=778>. Acesso em 20 jan. 2011.

significativa ainda é a sua capacidade de *antever* certos *problemas* (OSTROWER, 2008, p. 10).

Posso pensar, nesta linha de abordagem, que a produção da cultura deve partir dos sujeitos comprometidos com a criação do novo e com a superação dos problemas socioambientais em busca de uma melhor relação entre esses e o ambiente. Segundo Meira (2003), é necessário “pensar a cultura como uma arte e não apenas como uma prática de codificação e manipulação de imagens” (p. 71), ou seja, assim “como a filosofia e a antropologia cultural, as artes implementam novas lógicas de semiotização, criação e interação com a vida” (p. 71).

A educação também pode ser compreendida através de sua conexão com as relações sociais e ambientais construídas pelos sujeitos de uma sociedade. Através dela, o sujeito é capaz de modificar seu meio, a si próprio e suas relações. Assim, ela deve ser constantemente transformada para melhor interagir com a realidade das relações construídas. Sua finalidade é valorizar o sujeito e sua realidade em um contínuo processo de busca por sua autonomia e emancipação. A partir daí, surge a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória como forma de ressignificação das relações entre sujeitos e seu ambiente, pois segundo Reigota (2009), “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs” (p. 19).

A Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória procura superar a alienação da sociedade vigente, que valoriza formas de reprodução de conhecimentos e da realidade, a partir dos próprios cidadãos e cidadãs. Então, tal processo não pode existir sem sujeitos pensantes e a complexidade de suas relações com outros sujeitos e com o mundo. Assim, segundo Loureiro (2004), “o movimento de mudança da condição alienada no capitalismo deve ser complexo, integral e simultâneo.” (p. 96), e através de uma educação dialógica,

o processo de conscientização deixa de ser unidirecional, e passa a se definir como um movimento coletivo, com o mundo, pelo qual o ‘eu’ é sujeito e objeto do conhecimento e no qual ocorre um desvelar da realidade, que se realiza pela prática social (LOUREIRO, 2004, p. 96).

Busco, portanto, refletir sobre a produção da cultura através do trabalho criativo como forma de superação da alienação proposta pela sociedade pós-capitalista. Assim, as relações sociais e ambientais historicamente construídas podem ser problematizadas, também de forma histórica, a partir da atividade criadora dos sujeitos comprometidos politicamente com a realidade, pelo viés da superação de formas de alienação e da busca pela emancipação.

No capítulo a seguir, trarei, como proposta metodológica, a análise categorial de artigos de jornais que considero contra-hegemônicos, referenciada em Minayo (2006; 2010), como forma de uma Educação Ambiental não formal a partir da atividade criadora na busca pela superação do trabalho alienado. Assim, busquei na tendência do materialismo histórico e dialético meu principal referencial ao método escolhido, já que este, ao meu ver, permite uma melhor compreensão da realidade, ampliando minha abordagem à contemporaneidade do pensamento dos diversos autores e autoras citados anteriormente.

4.1. OS JORNAIS E SUA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA COMO INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O presente trabalho tem caráter bibliográfico, enfocando artigos de jornais que escolhi por identificar neles, características de independência política e econômica, como o jornal *Le Monde Diplomatique Brasil* e o jornal *Brasil de Fato*. Pretendo verificar se estes podem contribuir para uma Educação Ambiental não formal a partir do desvelamento da realidade e da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado. Assim, é importante ressaltar que estas mídias, ao meu ver, permitem aos(as) leitores(as) um desvelar dessas contradições.

Entendo que os jornais *Le Monde Diplomatique* e *Brasil de Fato* podem se constituir como instrumentos de leituras alternativas, críticas e transformadoras na busca pela emancipação dos sujeitos, frente a uma realidade historicamente construída. Sendo assim, é importante destacar que os jornais *Le Monde*

Diplomatique e *Brasil de Fato* são mídias que me interessam neste trabalho, principalmente, por não servirem às dicotomias, como entre sujeito e objeto, teoria e prática e sociedade-natureza, valorizadas pela sociedade pós-capitalista e, sim, por estarem engajadas na busca concreta de uma melhor qualidade nas relações sociais e ambientais.

O jornal *Le Monde Diplomatique* é publicado na França desde 1954, tem 71 edições internacionais, produzidas em 25 idiomas, através de 2,4 milhões de exemplares por mês, em todo o mundo. Tornou-se uma referência mundial para sujeitos, movimentos e organizações que buscam transformações humanas, sociais e ambientais e alternativas para a realidade. “Suas páginas trazem à luz questões altamente relevantes, muitas vezes negligenciadas pela grande imprensa, contribuindo para a crítica ao pensamento único e para a construção de novos paradigmas”¹⁹. Também, é a única mídia que torna público o Fórum Social Mundial.

No Brasil, o jornal *Le Monde Diplomatique* surgiu na versão impressa em 2007 por iniciativa do Instituto Polis e de muitos apoiadores que percebiam, na versão original francesa, “uma publicação fundamental para estimular o pensamento crítico, a reflexão e o debate de temas prementes da sociedade”²⁰. A versão eletrônica teve início em 1999 e, a partir de 2010, também é editada pelo Instituto Polis. Assim, o *Le Monde Diplomatique Brasil* é uma publicação que se autodenomina apartidária, pluralista e democrática, com independência política e econômica, e autonomia editorial. Conta com o apoio de um Conselho Editorial formado por jornalistas e especialistas de diferentes áreas, buscando múltiplos olhares sobre a realidade e estabelecendo a dialética com a intenção de aprofundar a democracia e a igualdade de oportunidades no Brasil e no mundo. A edição brasileira beneficia-se também de análises vindas de outras edições do jornal, e não apenas da França. Contudo, é importante destacar que o *Le Monde Diplomatique* “não se trata de uma publicação noticiosa, voltada à cobertura dos fatos correntes, mas de uma publicação reflexiva, que busca identificar, para além dos fatos, os cenários maiores que lhes conferem sentido e inteligibilidade”²¹.

¹⁹ Disponível em: http://diplomatie.uol.com.br/quem_somos.php. Acesso em 20 jan. 2011.

²⁰ Idem.

²¹ Ibidem.

Também, o jornal *Brasil de Fato* é uma publicação semanal, com circulação nacional, lançado durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, em 25 de janeiro de 2003, por movimentos populares como a Via Campesina²², a Consulta Popular²³ e o MST²⁴. O jornal reúne jornalistas e intelectuais de esquerda, com o objetivo de debater ideias e analisar os fatos a partir da necessidade de transformações sociais e ambientais no país.

²² É uma organização internacional de camponeses, com o objetivo de defender seu segmento, que representa parte significativa da população mundial.

²³ É uma rede de militantes, de caráter não partidário, envolvidos com a formação (política, intelectual e moral) de militantes, a organização de lutas populares e a criação de um novo projeto para o Brasil.

²⁴ É um movimento social brasileiro atrelado à inspiração marxista com os objetivos de realizar a reforma agrária no Brasil e lutar por uma sociedade mais justa e solidária.

5. ABORDAGEM DE PESQUISA SOBRE A REALIDADE PROBLEMATIZADA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Este estudo, como dito anteriormente, foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e qualitativa, ou seja, segundo Minayo (2010), a pesquisa qualitativa “se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado (p. 21). Assim, “ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (p. 21). Dessa forma, ressalto a pesquisa social como uma pesquisa histórica, pois “toda investigação social precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos” (MINAYO, 2006, p. 39).

A pesquisa, “como a atividade básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade” (MINAYO, 2006, p. 47), está referenciada no conceito do materialismo histórico, perspectiva epistemológica que nos permite estudar as transformações realizadas por homens e mulheres através de uma realidade problematizada. Assim, destaco que, o sujeito, através de seu trabalho, é capaz de produzir transformações em sua realidade ou apenas reproduzir a mesma realidade, que, de forma histórica, pode ser melhor compreendida.

O materialismo histórico e dialético permite considerar o presente a partir da história, através de um constante desvelar da existência do sistema social vigente, tendo em vista a totalidade e a complexidade das relações sociais e das relações com a natureza. Segundo Vygotsky (2004), a dialética é fundamental, pois é um método capaz de reproduzir a realidade concreta por meio de contínuas abstrações. Assim, segundo Minayo (2006) “o *materialismo histórico* representa o caminho teórico que aponta a dinâmica do real na efervescência de uma sociedade” (pp. 107-108). Contudo, “é esse caráter de abrangência, que tenta, de uma perspectiva histórica, cercar o objeto de conhecimento por meio da compreensão de todas as suas mediações e correlações, constituindo a riqueza, a novidade e a propriedade da dialética marxista” (MINAYO, 2006, p. 107).

Assim, a fundamentação teórica, que contribuirá para a compreensão do tema e do objeto de pesquisa, apresenta-se a partir de alguns conceitos dos muitos existentes sobre a atividade criadora que podem ser satisfatoriamente relacionados com a teoria crítica e a Educação Ambiental transformadora, abordadas por Loureiro (2005), ou seja, são pesquisas que permitem “a compreensão crítica e global da sociedade contemporânea” (p. 323) em “busca de uma visão integradora de ciência e filosofia e de uma atuação transformadora das relações sociais” (p. 323).

Os conceitos sobre atividade criadora foram trabalhados a partir de pesquisas atuais sobre o tema, principalmente da autora Fayga Ostrower, ampliados à educação estética – do olhar sensível – de Marly Meira. Trabalhei, a partir de Mészáros (2002; 2006), bem como Hardt e Negri (2005), os conceitos sobre trabalho, sociedade e alienação, cujo papel, nesta pesquisa, como já foi mencionado anteriormente, é atualizar o marxismo a partir de uma releitura, numa perspectiva contemporânea, da obra máxima de Marx, *O capital*. Desta forma, segui linhas de pensamento como a dialética de Marx, que permite uma compreensão da realidade onde os contrários se complementam, por acreditar na sua complementação em prol da validação da teoria crítica reconstruída por Loureiro (2004): “afinal, nada é mais dialético, dialógico e crítico do que a constante capacidade de reflexão e reformulação de teorias em função dos contextos históricos em que nos inserimos e das necessidades vitais de transformações” (pp. 110-111).

Trabalhei a partir destes autores como pano de fundo para uma melhor compreensão da nossa realidade e, contudo, melhor compreender o trabalho criativo e a autonomia dos indivíduos ao visar transformações nas relações sociais. Ressalto, então, a relação intrínseca entre atividade criadora e autonomia enquanto estas se complementam de forma satisfatória para que o sujeito contemporâneo transforme sua realidade constantemente, pois “o produto criativo não é resultado, exclusivo, de fatores intrapessoais, mas emerge da interação do indivíduo com o ambiente” (ALENCAR e FLEITH, 2003, p. 37).

De acordo com os referenciais acima expostos, analisei o material de consulta a partir das seguintes categorias analíticas: *trabalho alienado*, *atividade criadora* e *repercussões socioambientais*. No entanto, no decorrer da pesquisa, criei novas categorias chamadas empíricas. Segundo Minayo (2006), as categorias analíticas são “as que retêm, historicamente, as relações sociais fundamentais, servindo como guias teóricos e balizas para o conhecimento de um objeto nos seus

aspectos gerais” (p. 178), e as categorias empíricas “são construídas a *posteriori*, a partir da compreensão do ponto de vista dos atores sociais, possibilitando desvendar relações específicas do grupo em questão. [...] Portanto, emanam da realidade” (p. 179).

O procedimento de coleta e análise de dados apresentou-se durante o ano de 2010, através da análise de conteúdo (análise categorial), inicialmente pela imersão na pesquisa bibliográfica, anteriormente citada.

Assim, o objeto da pesquisa foi focado na atividade criadora do sujeito. Busquei investigar de que formas a atividade criadora existe para os sujeitos e se esta está relacionada com o processo de trabalho, a partir das concepções de uma Educação Ambiental transformadora. E, ainda, como esta Educação Ambiental transformadora relaciona-se à atividade criadora, através da busca pela criação do novo em uma sociedade com urgência de transformação para além de uma lógica de mercado, rumo a uma melhor qualidade nas relações sociais e ambientais. Ou seja, minha aposta de pesquisa foi na atividade criadora como mediadora de possíveis relações emancipatórias na relação seres humanos e ambiente, e sua importância para a Educação Ambiental.

Ressalto que foi questão norteadora desta pesquisa o *desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, a partir da leitura de artigos de jornais independentes, para além dos meios de comunicação de massa, como forma de contribuição para uma Educação Ambiental não formal*. Assim, foram objetivos da pesquisa verificar, nessas mídias, que considero contra-hegemônicas, as possíveis relações entre a atividade criadora e o trabalho alienado que podem ser destrutivos tanto para os sujeitos quanto para o ambiente. Da mesma forma, procurei investigar o papel da atividade criadora em prol da resignificação dessas relações.

Contudo, minha hipótese inicial de pesquisa apresentou-se através da representação de que o trabalho alienado, quando dominante, poderia vir a aniquilar a atividade criadora do sujeito comprometido com o ambiente e degradar suas relações com o mesmo.

5.1. CONSTRUINDO OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho teve como intenção principal investigar, de modo constante e dialético, recortes de realidades simbolicamente construídos pelos jornais citados, especialmente relativos às transformações sociais e ambientais que priorizem a emancipação dos sujeitos e de suas gerações futuras no que se refere ao cuidado ambiental. Assim, este trabalho também buscou desmitificar situações concretas da realidade a partir da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado. Através de minhas análises, procurei mostrar algumas das muitas tensões socioambientais que são capazes de responder metodologicamente às inquietações desta pesquisa.

Entendo por metodologia “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2010, p. 14). Assim, a metodologia “inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade” (MINAYO, 2010, p. 14).

Neste estudo, “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO, 2010, p. 79). Entretanto, “ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social” (MINAYO, 2010, p. 80). A pesquisa social permite-nos aprofundar a construção do conhecimento, pois “alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo” (MINAYO, 2010, p. 16). Compreendo, então, a partir de Minayo (2006), que,

ao se desenvolver uma proposta de investigação e no desenrolar das etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face do tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho (p. 54).

Concluo, então, que a análise e a interpretação em uma perspectiva de pesquisa qualitativa não têm “como finalidade contar opiniões ou pessoas” (MINAYO, 2010, p. 79). Assim, utilizei a análise de conteúdo como método no qual

“podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 2010, p. 84).

Segundo Minayo (2006),

Os pesquisadores que buscam a compreensão dos significados no contexto da fala, em geral, negam e criticam a análise de freqüências das falas e palavras como critério de objetividade e cientificidade e tentam ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem, para atingir, mediante inferência, uma interpretação mais profunda (p. 307).

É através desta perspectiva que procedi à análise de conteúdo nesta pesquisa qualitativa. Assim, nas análises dos artigos de jornais que apresentarei a seguir, segundo Minayo (2010), percorri o seguinte caminho: (a) fiz uma decomposição do material analisado em partes (a partir da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, bem como suas repercussões socioambientais); (b) distribuí as partes em categorias; (c) fiz uma descrição do resultado da categorização (com a exposição dos achados encontrados na análise); (d) fiz inferências a partir dos resultados; (e) interpretei os resultados obtidos através da fundamentação teórica adotada.

Assim, as categorias analíticas escolhidas para este trabalho são: *atividade criadora*, *trabalho alienado* e *repercussões socioambientais*. Entretanto, como citado anteriormente, surgiram novas categorias, denominadas empíricas, ou seja, categorias que emanaram da realidade para melhor compreendê-la.

5.2. PARA ALÉM DAS REFLEXÕES: AS ANÁLISES CATEGORIAIS



Figura 01. Cópia ilustrativa do artigo “Caminhos para uma agenda sustentável”

Fonte: *Le Monde Diplomatique Brasil*, Edição 35

Caminhos para uma agenda sustentável²⁵

por Hamilton Faria

A educação como cultura e a cultura como educação abrem possibilidades de construção de valores permanentes para outra forma de estar e pertencer ao mundo, plena de significados, sentidos, compartilhamentos, intimidades do fazer humano, convivências com o mistério, realidades e fabulações²⁶

²⁵ FARIA, H. Caminhos para uma agenda sustentável. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 35, p. 36-37, Jun. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=715>. Acesso em 20 jan. 2011.

²⁶ Substrato do artigo “Caminhos para uma agenda sustentável”

Resumo do artigo “Caminhos para uma agenda sustentável”

O presente artigo, de Hamilton Faria, publicado na Edição 35, do jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em junho de 2010, reflete sobre uma nova concepção de vida, principalmente através da educação como cultura e vice-versa. Segundo o autor, para além da cultura do consumo, é preciso educar para uma vida simples, com valores para a convivência com o outro e o ambiente. Ele ressalta, ainda, o papel das artes como forma de ressignificação do ambiente e das relações sociais. Assim, é possível construir novos diálogos entre a ciência e os saberes cotidianos para que exista respeito à diversidade cultural. O artigo também contempla, entre outros autores, os escritos de Fayga Ostrower, artista plástica, autora de renome internacional e referência histórica da Arte-Educação no Brasil, uma das referências centrais desta pesquisa.

Análise categorial do artigo “Caminhos para uma agenda sustentável”

Categorias analíticas

A categoria analítica *trabalho alienado* não aparece de forma explícita no artigo de Hamilton Faria; no entanto, ela pode se apresentar através da valorização de outras visões de mundo, ou seja, novas e sensíveis visões que possam

transformar a realidade construída e vivida. Dessa forma, o autor acredita que, através da arte jovem e das manifestações culturais, “os territórios ganham outros significados além da exclusão, como expressão significativa da criatividade e da reorientação de vida para um lugar mais alto que o destinado pela história vivida” (8º parágrafo), pois a arte entre os jovens tem ampliado os diálogos locais e “envolvido a população em processos de culturalização” (8º parágrafo), abrindo novos cenários “num mundo que oculta suas expressões e os destina à irrelevância e ausência de perspectivas” (8º parágrafo) principalmente através da prática do trabalho alienado estabelecida de forma histórica, social e cultural.

Quanto à categoria analítica *atividade criadora*, pode-se dizer que ela se apresenta, neste artigo, como característica importante para que o homem e a mulher busquem transformar a realidade para além da racionalidade, ou seja, “Educar para outro cenário que vise construir um outro mundo possível implica absorver realidades poéticas, construir mundos poeticamente habitáveis, presentes além da dimensão racional da cultura” (15º parágrafo). Assim, “A sociedade precisa compreender a ideia do “desenvolver-se com arte”, gerando formas mais sensíveis de ver o mundo” (2º parágrafo). Segundo Ostrower (2008), “a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados [...] ela é patrimônio de todos os seres humanos” (p. 12). Ou seja, segundo a autora, “ainda que em diferentes graus ou talvez em áreas sensíveis diferentes, todo ser humano que nasce, nasce com um potencial de sensibilidade” (OSTROWER, 2008, p. 12). “Estimular estas dimensões do reconhecimento entre pessoas e comunidades, a emoção presente nas relações humanas e culturais, a capacidade de rir e sonhar possibilidades de criação e vida podem dar este diferencial da cultura de que tanto necessitamos” (15º parágrafo). Assim, trago, a partir de Ostrower (2008), que a natureza criativa do homem e da mulher elabora-se no contexto cultural. Todo indivíduo desenvolve-se em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais moldam-se os próprios valores de vida (p. 5). Segundo Ostrower, no indivíduo, existem, na forma de confronto, “dois pólos da mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único, e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura” (p. 5); sendo assim, é possível salientar que “o mais rico da cultura são seus processos criativos, de encantamento e de educação pela

diversidade” (15º parágrafo). Contudo, “o homem desdobra o seu ser social em formas culturais” (OSTROWER, 2008, p. 102). E, “a arte é essencialmente linguagem, patrimônio, experiência existencial” (2º parágrafo).

É importante ressaltar que a categoria analítica *repercussões socioambientais* apresenta-se através de muitas formas durante o artigo do autor, mas algumas através de denúncias. Desta forma, destaco que “A cultura do consumo deverá também ser objeto de nossas preocupações culturais, pois além de empobrecer valores da sociedade, trazendo sentidos materiais, contribui para a degradação de culturas” (11º parágrafo). Segundo Mészáros (2006), “a concepção de Marx da arte visa acrescentar uma nova dimensão à vida humana, a fim de transformá-la em sua totalidade por meio da fusão dessa nova dimensão com todas as outras atividades vitais do homem” (p. 193). Ou seja, “negar simplesmente o consumo com ideologias não nos faz entender o que cada vez mais é um lugar significativo da construção de valores e políticas” (11º parágrafo).

Categorias empíricas

Arte

Segundo Mészáros (2006), “a criação artística, em circunstâncias adequadas, é considerada por Marx como uma atividade livre, como uma realização adequada do ser humano em toda a sua riqueza (p. 191). Segundo o autor do artigo,

“Para a artista plástica Fayga Ostrower, participante e fundadora da Rede Mundial de Artistas: “Todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a

visões de mundo, a estados de ser, desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. Enfim, são conteúdos gerais da própria consciência humana. Atravessando séculos, sociedades e culturas, tais conteúdos continuam válidos e atuais para cada um de nós. Por isso, a arte tem esse estranho poder de nos comover tão profundamente. Ela fala a nós, sobre nós, sobre o nosso mais íntimo ser.” (2º parágrafo).

Ou seja, segundo Mészáros, a arte “não é uma das especialidades entre as muitas, preservadas para os poucos afortunados, e sim uma dimensão essencial da vida humana em geral” (2006, p. 191). Assim, “A arte e seus processos criativos têm contribuído sobremaneira para uma cultura de paz e direitos” (8º parágrafo). Contudo, “As artes são formas universais de expressão e comunicação humana que promovem a diversidade e a identidade espiritual da sociedade” (16º parágrafo). As artes “são inseparáveis do ato de viver e contribuem para a formação de comunidades empáticas e sensíveis, unindo as pessoas pelo afeto e pela solidariedade, abrindo caminhos para a reinvenção do mundo” (16º parágrafo). Assim, segundo Mészáros, a partir de Marx, “a humanidade sem arte e ciência seria uma humanidade enormemente empobrecida, se pudesse ser concebida em termos históricos concretos” (2006, p. 191).

Educação e cultura sustentáveis

A categoria empírica *educação e cultura sustentáveis* surge através da necessidade de uma sustentabilidade em todos os sentidos da existência humana, principalmente através da educação e da construção da cultura. Assim, é importante educar para a diversidade; por exemplo, “aproximar a escola dos movimentos e expressões culturais do entorno e levar as expressões e manifestações para a escola, além de promover o aprender a conviver no próprio universo escolar” (6º

parágrafo). Dessa forma, segundo o autor do artigo, esse “paradigma biocêntrico” ressalta a importância “de todas as formas de vida onde não somos o centro da existência, mas participamos de uma rede de relações vitais em que as espécies colaboram entre si e são solidárias para a construção de uma vida digna” (13º parágrafo). Assim, segundo o autor do artigo, a educação como cultura e vice-versa traz possibilidades de “construção de valores permanentes para outra forma de estar e pertencer ao mundo, plena de significados, sentidos, compartilhamentos, intimidades do fazer humano, convivências com o mistério, realidades e fabulações” (3º parágrafo), pois, segundo Ostrower (2008), “os valores participam do nosso diálogo com a vida” (p. 101). Ainda, a autora complementa que os valores coletivos originam-se nas inter-relações sociais num determinado contexto histórico, ou seja, “são as valorações da cultura em que vive o indivíduo, os chamados ‘valores de uma época’” (OSTROWER, 2006, p. 101). Contudo, segundo o autor, é preciso, também, uma educação para uma vida simples, ou seja, “revisitar soluções da ancestralidade, da economia doméstica, com a importância do trabalho manual e o reconhecimento de sua nobreza, a cultura alimentar” (9º parágrafo), bem como “a indumentária não apenas das marcas que povoam o mundo com seu séquito de escravos e tiranias” (9º parágrafo).

Educação para a alteridade

A categoria empírica *educação para alteridade* surge através da manifestação do autor do artigo sobre a importância de pensar o outro para além do respeito: “É reconhecer o diferente, o outro, não como inimigo, mas como completude daquilo que está inacabado (5º parágrafo), ou seja, como complementação do que somos e do que ainda podemos vir a ser. Segundo Souza (2000), “o Outro é o questionamento de toda boa consciência” (p. 62). Assim, é preciso reconhecer o outro “como virtude que não adquirimos e que pode ensinar, mesmo aquilo que não

serve para a minha identidade de ser humano e cultural” (5º parágrafo). Dessa forma, o autor ressalta que, “A diversidade é a base da liberdade, sem ela não existem direitos humanos ou culturais nem respeito à vida e à existência das pessoas, da natureza e dos povos” (18º parágrafo). Contudo, “Educar para a vida simples é educar para valores que não têm preço, como a sociabilidade e a convivência com o outro e os outros – animais, plantas, minerais” (10º parágrafo), ou seja, “a enorme comunidade dos seres vivos que dá sentido à nossa existência” (10º parágrafo). Assim, segundo Paulo Freire (2005), “não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade” (p. 95). “Educar para a diversidade cultural é valorizar o território, sua paisagem, seus grupos e pessoas, comunidades, territórios culturais, o papel dos indivíduos no cotidiano com suas pequenas vidas e subjetividades” (18º parágrafo). Segundo o autor, “O território é mais que uma geografia, ele é construído por potências vitais e redes de relacionamentos que se deslocam e ampliam experiências e imaginários” (18º parágrafo).

Pergunta de pesquisa

O artigo “Caminhos para uma agenda sustentável” soube contemplar questões sobre cultura e educação, capazes de gerar uma nova forma de ser e agir com o mundo, uma forma sustentável tanto para nós quanto para o ambiente, principalmente para além do consumo, e através da vida plena de significados. Assim, ressalto que a Educação Ambiental não formal pode se apresentar através das mais diversas formas e espaços, ao contemplar características transformadoras e emancipatórias nos seus processos de trabalho. Contudo, segundo o autor do artigo, Hamilton Faria, “Realizar a ponte entre consumo e cultura pode trazer consequências importantes para o debate cultural sustentável” (11º parágrafo). Sendo assim, é necessário, segundo o autor, “Um mundo criativo e poético, material

e espiritual, denso e sonhador, que saiba desocultar a música escondida sob o manto daquilo que parece natural ou rotineiro, daquilo que subjuga ou empobrece a experiência humana” (17º parágrafo).

BRASIL DE FATO



Figura 02. Cópia ilustrativa do artigo “Do outro lado da linha, o proletário”

Fonte: Brasil de Fato, número 384

Do outro lado da linha, o proletário²⁷

por Leandro Uchoas

Em ampla expansão, a categoria dos operadores de telemarketing reproduz, em novos moldes, as relações de trabalho precarizadas do passado²⁸

²⁷ UCHOAS, L. Do outro lado da linha, o proletário. *Brasil de Fato*. São Paulo, v. 8, n. 384, p. 3, 2010. Disponível em: <http://www.brasiledefato.com.br/node/1464>. Acesso em 20 jan. 2011.

²⁸ Substrato do artigo “Do outro lado da linha, o proletário”

Resumo do artigo “Do outro lado da linha, o proletário”

O artigo publicado em julho de 2010, pelo jornal *Brasil de Fato*, de Leandro Uchoas, revela-nos a atual e, ao mesmo tempo, histórica, realidade dos operadores de telemarketing. A profissão, que surgiu nos anos 1990, através dos avanços tecnológicos – que poderiam contribuir para uma melhor qualidade de vida para os sujeitos – mostra-nos diversos indícios de exploração de trabalho. Os trabalhadores, considerados pelo autor como novo proletariado, são incentivados à alienação, por conviverem em condições precárias de trabalho. Assim, o avanço da tecnologia não está gerando uma melhora nas relações sociais e ambientais, e a exploração do trabalhador e a alienação promovida pelas grandes empresas estão revestidas por novos formatos. O autor, ainda, destaca a publicação do livro *Infoproletários – Degradação real do trabalho virtual*, lançado em novembro de 2009, de Ricardo Antunes, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Ruy Braga, da Universidade de São Paulo (USP).

Análise categorial do artigo “Do outro lado da linha, o proletário”

Categorias analíticas

No presente artigo, de Leandro Uchoas, sobre o operador de telemarketing e o novo proletariado, a categoria analítica *trabalho alienado* se apresenta atrelada à questão da exploração do trabalho. Segundo Antunes (2009), “a classe trabalhadora inclui também o amplo leque de assalariados do setor de serviços, mas que não criam diretamente valor” (p. 195). Assim, “A principal constatação dos estudos é a de que o operador de telemarketing, mesmo atuando no setor de serviços, é uma espécie de novo proletário” (4º parágrafo). Penso, então, a partir de Antunes (2009), que “o proletariado ou a classe trabalhadora hoje [...] compreende a *totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção*” (p. 194), ou seja, segundo o autor,

[...] a classe trabalhadora hoje não se restringe somente aos trabalhadores manuais diretos, mas a classe trabalhadora hoje incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho em troca de salário (ANTUNES, 2009, p. 195).

Segundo Leandro, “a profissão revela indícios diversos de exploração do trabalho” (3º parágrafo), pois, segundo Antunes (2009), esse campo de trabalho chamado improdutivo “está em ampla expansão no capitalismo contemporâneo, ainda que algumas de suas parcelas se encontrem em retração” (p. 195). Contudo,

[...] no mundo fabril hoje há uma tendência, que me parece muito visível, de redução e até mesmo em alguns casos de eliminação do trabalho improdutivo, que passa a ser realizado pelo operário produtivo. Ele se torna, no capitalismo da era mundializada do capital, ainda mais explorado, dá-se uma intensificação da exploração da força de trabalho (ANTUNES, 2009, p. 195-196).

Assim, o serviço “É moderno, mas convive com as condições de trabalho precárias do passado” (4º parágrafo). Segundo Ricardo Antunes, a partir do artigo de Leandro, “O trabalho é muito isolado – as pessoas trabalham em baias. O tempo para refeição e para ir ao banheiro é muito pequeno. E há a inexistência de tradição sindical” (4º parágrafo). Da mesma forma, a socióloga Selma Venco, a partir do artigo, revela que, “São diversas características próprias do mundo industrial. Há a separação entre quem trabalha e quem planeja, a obediência a um tempo médio, o controle massivo da produtividade através da própria tecnologia” (6º parágrafo), no entanto, ainda segundo Selma, “há elementos novos, como a capacidade de

pressão do cliente. Já não é mais só a máquina e o chefe” (6º parágrafo). Contudo, segundo Antunes (2009), “uma vida desprovida de sentido no trabalho é *incompatível* com uma vida cheia de sentido fora do trabalho” (p. 173).

A categoria analítica *atividade criadora* não se apresenta de forma explícita no presente artigo, no entanto, pode-se considerá-la a partir de sua ausência, ou seja, a realidade concreta apresentada não permite e não valoriza a atividade criadora como forma concreta de trabalho e produtividade.

Enfim, a categoria analítica *repercussões socioambientais* foi analisada a partir da realidade exposta por Leandro Uchoas e suas repercussões, como, por exemplo, a criação do conceito de hipertaylorismo como forma de trabalho, onde as novas tecnologias permitem um maior controle dos trabalhadores, ou seja, “hipertaylorismo à medida que as novas tecnologias permitem controle da produtividade dos operadores em tempo real” (7º parágrafo). Segundo Antunes (2009), “apesar do significativo avanço tecnológico encontrado (que poderia possibilitar, em escala mundial, uma real redução da jornada ou do tempo de trabalho), pode-se presenciar em vários países [...] uma política de *prolongamento da jornada de trabalho* (p. 35). Da mesma forma, acredita-se ser uma grave repercussão socioambiental a questão da insatisfação dos trabalhadores com seu trabalho, a falta de tempo livre, na medida em que são cada vez mais pressionados e controlados pela sociedade do mercado, bem como o trabalho alienado como necessidade para manter tal sistema, pois “segundo os dados, os trabalhadores do telemarketing não têm o tempo de preparação adequado. O treinamento, que deveria durar cerca de quatro meses, costuma ser oferecido por um período que varia de uma semana a um mês” (7º parágrafo). Contudo, segundo Leandro Uchoas,

“O resultado é a incapacidade de cumprir as rigorosas metas que são estabelecidas. Em média, nos primeiros quatro meses, há um enorme desgaste do trabalhador, pela cobrança excessiva, pela ausência de resultados e pela individualização do fracasso. Depois, por aproximadamente dez meses ocorre uma relativa satisfação do trabalhador, porque ele passa a conseguir desempenhar seu papel. Após esse tempo, vem o período chamado de “rotinização”. O trabalhador passa a sofrer com o monitoramento constante, a incapacidade de progredir e as doenças que invariavelmente aparecem (LER, tendinite, surdez precoce, afetação nas cordas vocais, entre outras)” (7º parágrafo).

Categorias empíricas

Tecnologia como alienação

A categoria empírica *tecnologia como alienação* surge através da reflexão de que os processos de trabalho sofreram metamorfoses, ou seja, “O aclamado avanço tecnológico não tem gerado benefícios sociais e a exploração do trabalho segue, revestida por novos formatos” (10º parágrafo). Assim, é possível dizer que, “novos processos de trabalho emergem, onde o cronômetro e a produção em série são substituídos pela flexibilização da produção, por novos padrões de busca de produtividade” (ANTUNES, 2009, p. 206), ou seja, “por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado” (ANTUNES, 2009, p. 206). Segundo Ruy Braga a partir do artigo de Leandro Uchoas, “O avanço tecnológico está a serviço das relações de exploração e da busca por lucro” (10º parágrafo). Da mesma forma, Ricardo Antunes, a partir do artigo de Leandro, afirma que, “A tecnologia tal como conhecemos é plasmada por relações sociais de produção capitalista. Tem a cara, a forma e o conteúdo do capital. É moldada para a valorização do lucro” (10º parágrafo). Contudo, “uma sociedade que não se deixe escravizar pelo produtivismo poderia usar a tecnologia para trabalhar apenas três horas por dia, quatro dias por semana” (10º parágrafo).

Pergunta de pesquisa

O artigo “Do outro lado da linha, o proletário” mostrou a realidade construída pelo mercado a partir do operador de telemarketing, enquanto é explorado em prol de uma maior produtividade em suas funções e uma diminuição do seu tempo livre; ou seja, na mesma medida em que o trabalhador é explorado, ele se vê insatisfeito com seu trabalho, principalmente por causa da falta de tempo livre e de iniciativa tão valorizadas pelo mercado do capital. Assim, é possível relacionar a exploração e a alienação do trabalho vivida pelos operadores de telemarketing com a necessidade da busca por alternativas que priorizem a atividade criadora como forma de trabalho consciente e emancipatório tanto para os trabalhadores quanto para as empresas que constantemente também se moldam ao mercado do capital para manterem seus lugares na sociedade. Contudo, o artigo mostrou a exploração dos trabalhadores e a precariedade das condições de trabalho atreladas à alienação valorizada pelo mercado do capital e, de forma intrínseca, é possível pensar na superação dessas condições de trabalho através da busca por um trabalho criativo que priorize as potencialidades de cada um e a melhora nas relações sociais e ambientais.

Ano 3 – Edição 33 – ABRIL 2010

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL



Figura 03. Cópia ilustrativa do artigo “Em Iaras, o MST produz”

Fonte: *Le Monde Diplomatique Brasil*, Edição 33

Em Iaras, o MST produz²⁹

por Ricardo Lísias

Todo mundo deve saber que no interior de São Paulo há um senhor plantando abóbora e um casal que cultiva verduras e vende ovos caipiras. As famílias são pobres, mas têm uma enorme consciência política. Uma visita ao assentamento dos sem-terra mostra uma vida solidária e cooperativa³⁰

²⁹ LÍSIAS, R. Em Iaras, o MST produz. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 33, p. 10-11, Abr. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=655>. Acesso em 20 jan. 2011.

³⁰ Substrato do artigo “Em Iaras, o MST produz”

Resumo do artigo “Em Iaras, o MST produz”

O artigo sobre os membros do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), de Ricardo Lísias, publicado pelo *Le Monde Diplomatique Brasil*, em abril de 2010, nos apresenta histórias de vida de famílias ditas “pobres”, mas com uma grande consciência política. Em Iaras, uma pequena cidade do interior de São Paulo, nos acampamentos Maria Cícera (homenagem à militante que morreu durante a marcha do MST, em 2008) e Rosa Luxemburgo, os assentados nos mostram uma vida de cooperação e solidariedade. Com a produção de alimentos orgânicos, eles garantem o sustento da família e ainda conseguem ter alguma renda através da comercialização dos produtos. Mesmo com dificuldades e condições desfavoráveis de vida, os membros do movimento continuam a luta contra as grandes empresas e os latifundiários, na constante busca por justiça social através do trabalho criativo.

Análise categorial do artigo “Em Iaras, o MST produz”

Categorias analíticas

A categoria analítica *trabalho alienado* não se apresenta nesse artigo de forma explícita e, sim, como algo constantemente a ser superado, pois os membros

do MST buscam, através da criação de alternativas emancipatórias, combater e superar as formas alienantes de trabalho, bem como a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, através da igualdade de oportunidades e da ressignificação das formas de trabalho, ou seja, através, por exemplo, da reforma agrária como forma de uma reorganização socialmente mais justa da estrutura latifundiária. Segundo Antunes (2009), “a busca de uma vida dotada de sentido a partir do trabalho permite explorar as conexões decisivas existentes entre trabalho e liberdade” (p. 143). Dessa forma, os trabalhadores também buscam transformar o trabalho alienado e a exploração vivida, tanto por parte dos(as) trabalhadores(as) como do meio ambiente, em trabalho criativo atrelado a formas conscientes de sustentabilidade, como a produção da agricultura orgânica. Portanto, a categoria *trabalho alienado* nesse artigo mostra-se através de sua superação e transformação em atividade criadora.

A categoria analítica *atividade criadora* apresenta-se nesse artigo como o próprio trabalho criativo, ou seja, o trabalho como forma de integração do ser e do fazer a partir de uma constante reflexão sobre as relações sociais e ambientais. Segundo Ostrower (2008), “o homem elabora seu potencial criador através do trabalho” (p. 31), e sendo uma experiência fundamental para ele, ele “encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas” (p. 31). Segundo a autora, “a criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas” (OSTROWER, 2008, p. 31). Assim, alguns exemplos podem ser ressaltados a partir do artigo de Ricardo Lísias para ilustrar o trabalho criativo desenvolvido pelos membros do MST como os depoimentos de alguns membros ou a partir do próprio Ricardo como, por exemplo, a questão do orgulho construído a partir de suas reivindicações mesmo com tantas dificuldades por eles vividas: “O orgulho, aqui, é um sentimento muito presente” (3º parágrafo), ou seja, a forma consciente dos processos criativos permite transformar o trabalho em criativo gerando orgulho e satisfação, pois “Elas gostam de mostrar suas habilidades, falam com segurança, refletem o tempo inteiro sobre questões políticas e não parecem sentir vergonha do estado de privação que, em muitos casos, vivem” (6º parágrafo) e, assim, acredita-se ser possível ter orgulho de suas atividades e das repercussões socioambientais através da consciência construída a partir das relações sociais e ambientais que de

forma intrínseca fazem parte de todo processo criativo. Assim, penso, a partir de Lukács, que,

pelo trabalho, o ser social produz-se a si mesmo como gênero humano; pelo processo de autoatividade e autocontrole, o ser social salta da sua origem natural baseada nos instintos para uma produção e reprodução de si como gênero humano, dotado de auto-controle consciente, caminho imprescindível para a realização da liberdade (LUKÁCS apud ANTUNES, 2009, p. 145)

A categoria analítica *repercussões socioambientais* aparece a partir de exemplos concretos da realidade dos membros do MST, como o cuidado com o ambiente, a busca pela emancipação e a luta contra os latifúndios e o uso dos agrotóxicos na agricultura, através de alguns depoimentos de Ricardo Lísias expostos no artigo. Ricardo conta a história de Seu Cícero, o exemplo de um homem que, quando atingiu certa idade, foi mandado embora do grande latifúndio onde trabalhava: “Ele foi mandado embora do enorme latifúndio em que trabalhou por muito tempo, depois que ficou velho. Muitos trabalhadores rurais passam pela mesma situação, sem ter qualquer tipo de seguridade social” (14º parágrafo). Segundo Seu Cícero, “O empresário do campo faz uma lista dos que vão ser condenados. Aí ele vem e executa a gente. É como se você morresse” (14º parágrafo). Na sociedade do capital, onde existe a escravidão do operário e o domínio do capitalista (MARX, 2006b), o trabalhador é desvalorizado e reduzido a formas mecânicas de trabalho, podendo facilmente ser substituído por outro trabalhador, conforme a necessidade do mercado, “a força de trabalho é, portanto, uma mercadoria” (MARX, 2006b, p.34). No entanto, “a força de trabalho em ação, o trabalho, é a própria atividade do operário, a própria manifestação de sua vida. E é essa atividade vital que ele vende a um terceiro para se assegurar dos meios de vida necessários” (MARX, 2006b, p. 36). Segundo Ricardo, “Cícero mergulhou em uma profunda tristeza, até que veio morar no acampamento Rosa Luxemburgo, perto do Agrocentro” (14º parágrafo). Contudo, Seu Cícero afirma: “Aqui recuperei a minha dignidade. Eu estava com depressão, vim para cá e logo fiquei bom de novo.” (14º parágrafo). Sendo assim, entendo que o trabalho consciente traz a possibilidade de transformar a realidade através da atividade criadora, ou seja, transformar o trabalho alienado em trabalho criativo.

Categorias empíricas

Reforma Agrária

A categoria empírica *reforma agrária* surge por representar um dos objetivos dos membros do MST e por ser uma alternativa mais justa frente ao acúmulo de capital e de propriedades de terra valorizados pela sociedade historicamente construída. Assim, o presente artigo tenta mostrar algumas das dificuldades vividas pelos que buscam uma nova forma de organização social, como, por exemplo, "Até a documentação adequada sair, muitos ficarão acampados, plantando e sobrevivendo em condições desfavoráveis" (8º parágrafo). Assim, "os barracos muitas vezes estão sobre o chão de areia, a infraestrutura é precária e o estado transitório não permite um trabalho mais cuidadoso com a terra" (25º parágrafo). No entanto, "Ainda assim, mesmo nos acampamentos, há bastante produção" (26º parágrafo). Segundo Ricardo Lísias "a região inteira é formada por terras da União que aguardam a reforma agrária. Elas já estão reservadas para isso, mas tudo caminha muito devagar" (8º parágrafo). Da mesma forma, outras situações complexas também são vivenciadas pelos membros do MST, como quando "grandes empresas arrendam a terra da União – Lega enfatiza que ela é destinada à reforma agrária – e plantam um tipo de árvore que estraga o solo, tornando-o muito seco" (9º parágrafo). Assim, "Depois, quando a empresa deixa para trás um terreno infestado de tocos, os lotes são divididos" (9º parágrafo). E nas palavras de seu Idalvo, "mais conhecido como Cabeça Branca, por causa do cabelo grisalho" (16º parágrafo), é possível perceber certa indignação: "É terra reconhecida pela União para fins sociais. Não sei por que demoram tanto para fazer a reforma agrária" (16º parágrafo). Contudo, o artigo denuncia que, "Mesmo que não faltem exemplos de sucesso entre os assentados, uma grande parte das terras de laras e dos municípios vizinhos destinadas à reforma agrária continua sem ser regulamentada

pelo INCRA” (25º parágrafo), e que, “Qualquer país com um pouco mais de bom senso já teria feito uma amplíssima reforma agrária” (30º parágrafo).

O poder da mídia

A categoria empírica *o poder da mídia* surge por considerar a mídia como importante meio de manipulação social e suas repercussões socioambientais. Dessa forma, alguns trechos do artigo de Ricardo Lísias foram destacados para ilustrar tal categoria, tanto por parte do autor quanto nas falas dos membros do MST, principalmente sobre a publicação deformada da realidade. Em diversos meios de comunicação o MST é pensado como um movimento de invasores e desocupados, pois a mídia mostra apenas uma pequena parte dos fatos, ou seja, mostra apenas a parte que interessa ao governo e às grandes empresas para que possam manter sua hegemonia e, facilmente, através dos meios de comunicação de massa, acaba por tornar-se a própria realidade. Destacam-se, então, algumas formas de manipulação social feitas através das mídias, a partir de dois membros do MST citados por Ricardo Lísias. Miguel, que “está com os sem-terra há 25 anos. Além de um assentado muito bem-sucedido, é um dos pioneiros do movimento. Começou no Sul e veio para São Paulo há 18 anos” (18º parágrafo), segundo Ricardo, “Ele é um pouco desconfiado e cita as diversas vezes em que a televisão e muitos jornais trataram os sem terra como bandidos e vagabundos” (19º parágrafo). Ricardo diz não entender “como pode ser vagabundo um senhor que acorda às 5h30m da manhã para ordenhar o gado, e outro que produz ovos, queijo, frango, frutas e um monte de verduras diferentes” (19º parágrafo). Também, Nelson, outro membro do MST, “reclama muito da imprensa e da opinião pública” (27º parágrafo), pois ele diz que: “Já chamaram a gente de ladrão. Mas aqui ninguém nunca tirou nada de ninguém.” (27º parágrafo). Assim, ressalta-se que, a partir da mídia, segundo Ricardo, “no Brasil, um movimento social organizado e com grande consciência

política, reivindicando uma reforma agrária que, em muitos casos, mostra-se bem sucedida, é tratado como coisa de quadrilheiros...” (18º parágrafo), ou seja, o autor conclui que, “a mídia [...] conta só uma parte da história” (30º parágrafo).

Pergunta de Pesquisa

O artigo “Em Iaras, o MST produz” mostra-nos a realidade concreta dos trabalhadores do MST na constante busca por transformações sociais e ambientais. Nele, é possível perceber o trabalho criativo desempenhado pelos membros do movimento em prol de uma melhor qualidade de vida e das relações socioambientais. As famílias envolvidas no processo de transformação e luta por justiça social vivem em situações precárias, mas afastadas da exploração e da alienação do trabalho, pois promovem através da atividade criadora, seu sustento através da agricultura orgânica na região. Também estão envolvidos com a constituição de cidadãos e cidadãs críticos e participativos enquanto constroem sua autonomia e buscam a emancipação. Contra as grandes empresas, que exploraram os trabalhadores e o ambiente, e os latifundiários, que geram um acúmulo de terras sem agregar alguma utilidade não degradante para o ambiente, o grupo constrói uma consciência política e um comprometimento social e ambiental através do trabalho e de suas relações com o meio no qual estão inseridos. Contudo, através da atividade criadora e da problematização da realidade, na constante busca pela sua autonomia e liberdade, os membros do MST constroem repercussões favoráveis ao ambiente e aos sujeitos engajados no processo, assim como para as pessoas que não estão diretamente envolvidas com sua problemática.

BRASIL DE FATO



Figura 04. Cópia ilustrativa do artigo “Sem Terra criam o centro cultural Bertold Brecht”

Fonte: *Brasil De Fato*, Número 390

SEM TERRA CRIAM O CENTRO CULTURAL BERTOLD BRECHT³¹

por Márcio Zonta

Espaço antes destinado à criação de bois por família latifundiária do Pará é transformado em centro cultural³²

³¹ ZONTA, M. O curral que virou centro cultural. *Brasil de Fato*. São Paulo, v. 8, n. 390, p. 8, 2010. Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/node/169>. Acesso em 20 jan. 2011.

³² Substrato do artigo “O curral que virou centro cultural” (título da versão impressa) ou “Sem terra criam o centro cultural Bertold Brecht” (título da versão eletrônica)

Resumo do artigo “Sem terra criam o centro cultural Bertold Brecht”

O artigo de Márcio Zonta, publicado em agosto de 2010, pelo jornal *Brasil de Fato*, mostra-nos, de forma crítica, mais um processo de transformação promovido pelos membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Entre os dias 27 e 30 de julho de 2010, reuniram-se, na antiga Fazenda Cabaceiras, que hoje é parte do acampamento 26 de Março, centenas de pessoas, para um encontro de militantes do MST em prol da inauguração do Centro Cultural Bertold Brecht. Neste caso, os trabalhadores do movimento buscaram, num antigo curral, a possibilidade de emancipação social e cultural. Antes da ocupação feita pelos membros do MST há onze anos, no local era praticado crime ambiental e trabalho escravo, conforme acusação do Ministério Público do Estado do Pará (MPE).

Análise categorial do artigo “Sem terra criam o centro cultural Bertold Brecht”

Categorias analíticas

A categoria analítica *trabalho alienado* pode ser representada no artigo de Márcio Zonta através do antigo trabalho escravo vivido por muitos trabalhadores rurais da região e, também, através da busca e importância ressaltada durante todo o artigo sobre a emancipação. Assim, na questão do trabalho escravo, é possível

afirmar, segundo Márcio, que, “No local, antes da ocupação feita há onze anos, era praticado crime ambiental e trabalho escravo, conforme acusação do Ministério Público do Estado do Pará (MPE)” (9º parágrafo). No entanto, “É comum, infelizmente, ainda nos dias de hoje, fazendeiros contratarem pessoas para trabalhar no campo, não pagarem seus direitos e ainda matar aqueles que se rebelam diante da situação” (10º parágrafo), lamenta Valdemar Pereira dos Santos, “membro da cooperativa do assentamento Aproterra” (10º parágrafo), a partir do artigo de Márcio Zonta. Contudo, ressalta-se sobre a questão do trabalho escravo e da liberdade dos indivíduos que,

O homem deve ser descrito pensando-se em termos de suas necessidades e poderes. E ambos estão sujeitos a modificações e desenvolvimento. Em consequência, não pode haver nada de fixo em relação a ele, exceto o fato de que se segue necessariamente de sua determinação como ser natural, ou seja, o fato de que ele é um ser com *necessidades* – de outro modo não poderia ser chamado de ser natural – e *poderes* para satisfazê-las, sem os quais um ser natural não poderia sobreviver (MÉSZÁROS, 2006, p. 152).

Assim, a categoria analítica *atividade criadora* apresenta-se nesse artigo através da resignificação promovida pelos membros do MST na luta por alternativas emancipatórias, principalmente por meio da conscientização e sensibilidade cultural. Como exemplo, destaco a criação do Centro Cultural Bertold Brecht, um lugar capaz de promover a conscientização, a sensibilidade e a cultura, ou seja, o que antes era um local “destinado à criação de bois por família latifundiária do Pará é transformado em centro cultural” (subtítulo). Entende-se, então, que, “precisamente na integração do consciente, do sensível e do cultural se baseiam os comportamentos criativos do homem” (OSTROWER, 2008, p. 11), pois “no enfoque simultâneo do consciente, cultural e sensível, qualquer atividade em si poderia tornar-se um criar” (OSTROWER, 2008, p. 17). Assim, “os mugidos sofridos de bois deram lugar à cantoria e gritos entoados por lutadores do movimento, acompanhados de um pandeiro tocado ligeiramente por um rapaz, que dava o ritmo musical” (3º parágrafo). Segundo Maria Raimunda, “uma das dirigentes estaduais do MST” (2º parágrafo), tal transformação significa “reverter o local para acontecimentos culturais que tragam a emancipação social e cultural” (2º parágrafo), e que esse novo espaço será um espaço de formação “sobretudo de sujeitos que compreendam, através da arte e das manifestações culturais o processo de

opressão e libertação que os envolve” (7º parágrafo). Complemento, a partir de Ostrower (2008), que,

Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia também a visão de vida de cada um. Orientando seus interesses e suas íntimas aspirações, suas necessidades de afirmação, propondo possíveis ou desejáveis formas de participação social, objetivos ou ideais, a cultura orienta o ser sensível ao mesmo tempo que orienta o ser consciente. Com isso, a sensibilidade do indivíduo é aculturada e por sua vez orienta o fazer e o imaginar individual. Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para se alcançar certas metas de vida. (p. 17).

Contudo, “Um lugar que representava a destruição, hoje, renasce com a arte” (5º parágrafo), define Pablo Neri, “integrante do Coletivo de Comunicação e Cultura do MST no Pará, no meio de tantos outros jovens, crianças, adultos e idosos aglomerados para ver a exposição” (5º parágrafo).

Da mesma forma, a categoria analítica *repercussões socioambientais* apresenta-se, no artigo de Márcio Zonta, através de repercussões satisfatórias, ou seja, através das transformações buscadas e alcançadas pelos membros do MST atreladas ao trabalho emancipatório construído por eles. Os membros do MST atuam como atores sociais e dialógicos na busca pela transformação da realidade individual e coletiva. Assim, entendo, a partir de Loureiro (2004), que “os atores capazes de transformação social se definem vinculados ao modo de produção, à vida cotidiana particular e coletiva, à cultura, ao Estado, e que estes devem participar com suas especificidades no trabalho pedagógico dialógico e comunicativo” (p. 118). Trago, então, a voz de Maria Raimunda: “Trazer a consciência sobre nosso território, também, é a tarefa desse projeto” (12º parágrafo). Da mesma forma, segundo ela, os membros do MST já estão “em via da implementação de mais onze centros culturais” (12º parágrafo) entre os acampamentos e assentamentos do movimento. Da mesma forma, Maria Raimunda ressalta que, “conquistar essa área foi umas das lutas mais difíceis e importantes do MST contra o latifúndio nos últimos tempos no Pará”. (11º parágrafo). Gizelda Coelho, “coordenadora do assentamento 26 de Março” (14º parágrafo), afirma “o sentido da mudança do curral para o centro cultural” (14º parágrafo), ou seja, quando chegaram ao local “só tinham bois, eram aproximadamente 5 mil. Hoje, no mesmo espaço, tem gente cantando, dançando, interpretando, tocando algum

instrumento musical, enfim, sorrindo e sendo o sujeito de sua arte” (14º parágrafo). Ainda, segundo Maria Raimunda, “Vários jovens despertaram para a arte por intermédio de atividades desenvolvidas nesses locais” (13º parágrafo). Contudo, entende-se que “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida” (OSTROWER, 2008, p. 5).

Categorias empíricas

Transformação socioambiental

A categoria empírica *transformação socioambiental* refere-se às transformações sociais e ambientais características de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, ou seja, transformações capazes de emancipar, voltadas para uma melhor qualidade de vida para todos os sujeitos envolvidos no processo, e sempre através da consciência crítica sobre a realidade a ser transformada, pois, segundo Loureiro (2004), “o que importa é transformar pela atividade consciente, pela relação teoria-prática, modificando a materialidade e revolucionando a subjetividade das pessoas (p. 118). Ressalto, então, que,

A transformação da história humana se dá pelos próprios humanos, mas não seres abstratos e sim concretos, definidos pelas relações estabelecidas entre as esferas da vida social (política, cultural, filosófica etc.) entre si e destas com a condição econômica, em um movimento de constituição mútua (LOUREIRO, 2004, p. 115).

Segundo o artigo, “A ideia, ao mesmo tempo, é transformar espaços antes atrozes, representados pelo agronegócio na região, em centros que identifiquem nas comunidades pessoas que gostam de trabalhar com cultura e arte” (13º parágrafo). Assim, “o espaço Bertold Brecht se transforma em mais uma área de reflexão diante da luta pela terra e na defesa amazônica na região” (12º parágrafo). Com isso, na procura por despertar nos indivíduos a sensibilidade para a cultura e a arte, os membros do MST transformam espaços antes usados para desumanizar em espaços abertos para a conscientização, criação e emancipação dos indivíduos. Segundo Ostrower (2008),

[...] por se vincular no ser consciente a um fazer intencional e cultural em busca de conteúdos significativos, a sensibilidade se transforma. Torna-se ela mesma faculdade criadora, pois incorpora um princípio configurador seletivo. Nessa integração que se dá de potencialidades individuais com possibilidades culturais, *a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade*. O criativo do homem se daria ao nível do sensível (p. 17).

Pergunta de Pesquisa

O artigo de Márcio Zonta, “Sem terra criam o centro cultural Bertold Brecht”, apresenta-nos uma forma criativa de transformar a realidade, a partir de sua problematização, construída pelos membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Com a ajuda de uma enorme consciência política, os sujeitos do grupo de trabalhadores reverteram um local, que antes era usado para o abate de animais, para exploração do trabalho, e até mesmo para o trabalho escravo, em um espaço de cultura, de construção da autonomia e da emancipação dos sujeitos envolvidos. A criação do Centro Cultural Bertold Brecht apresenta-se através do trabalho criativo promovido pelos membros do MST, e acaba gerando repercussões socioambientais satisfatórias por promover a diversidade cultural através de um espaço educativo não formal. O projeto conta com apoio da

sociedade, importante para a constituição do movimento e dos sujeitos que, de forma praxica, comprometeram-se politicamente com a realidade. Assim, o artigo não apresenta situações de trabalho alienado, pois os sujeitos atuantes trabalham a partir da atividade criadora para transformar sua realidade.

Ano 4 – Edição 38 – Setembro 2010

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL



Figura 05. Cópia ilustrativa do artigo “Militância Avatar”

Fonte: *Le Monde Diplomatique Brasil*, Edição 38

MILITÂNCIA AVATAR³³

por Henry Jenkins

Na Cisjordânia, o filme de James Cameron foi reencenado por ativistas palestinos como crítica à ocupação israelense. Fórmula é antiga: na Europa, a população se fantasiava de povos reais (os mouros) ou imaginários (as amazonas), considerados ameaças à civilização; nos EUA, negros de Nova Orleans criavam tribos indígenas³⁴

³³ JENKINS, H. Militância Avatar. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 4, n. 38, p. 34, Set. 2010. Disponível em: <http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=778>. Acesso em 20 jan. 2011.

³⁴ Substrato do artigo “Militância Avatar”

Resumo do artigo “Militância Avatar”

O artigo publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, em setembro de 2010, de Henry Jenkins, aborda a capacidade dos sujeitos de metaforizarem o ambiente. Nesse artigo, o destaque é para os militantes palestinos, israelenses e de outras nacionalidades que, em fevereiro de 2010, como crítica à ocupação israelense, através de manifestações na Cisjordânia, pintaram seus corpos de azul para representar os Na’vi, povo herói do filme *Avatar*, de James Cameron. Os manifestantes relacionaram o combate vivido pelo povo Na’vi em defesa de seu Éden com as próprias tentativas de recuperar suas terras, seu ambiente, suas relações. Assim, a partir da abordagem de uma antiga linguagem de protesto popular, o texto traz outros exemplos atuais e históricos da realidade em que sujeitos trocam de papéis em busca de transformações sociais e ambientais para uma melhor qualidade de vida.

Análise categorial do artigo “Militância Avatar”

Categorias analíticas

A categoria analítica *trabalho alienado* não se apresenta de forma explícita no artigo de Henry Jenkins, mas pode-se esperar que esteja inclusa nas manifestações e reivindicações futuras de forma criativa, explícita e reflexiva.

A categoria analítica *atividade criadora* apresenta-se através do artigo “Militância Avatar” como força reflexiva e prática contrária ao sistema vigente atrelada à arte emancipatória, pois os sujeitos relacionados ao artigo utilizam a arte e o imaginário como forma de manifestação social. Assim, entende-se que, “por ser o imaginar um pensar específico sobre um fazer concreto, isto é, voltado para a materialidade de um fazer, não há de se ver o ‘concreto’ como limitado, menos imaginativo ou talvez não criativo” (OSTROWER, 2008, p. 32). Deste modo, “o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade” (OSTROWER, 2008, p. 32). É possível, então, afirmar que a própria atividade criadora é representada através da arte e de um imaginário concreto, nesse artigo, na medida em que sujeitos criam personagens ou então utilizam-se de personagens já criados para expressarem suas ideias e reivindicações sobre a realidade concreta, como, por exemplo, os militantes personificados de Na’vi, povo que defende seu espaço contra sujeitos de uma cultura dita dominante no filme *Avatar*, ou seja, “manifestantes vestidos com véus e *keffiehs* e adornados com orelhas e rabos pontudos” (1º parágrafo). Ressalta-se, então, que,

Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver. Retirando à arte o caráter de trabalho, ela é reduzida a algo de supérfluo, enfeite talvez porém prescindível à existência humana (OSTROWER, 2008, p. 31).

Ainda, “Os personagens proclamavam: “Vamos mostrar ao Povo do Céu que ele não pode ter tudo o que deseja! Esta é a nossa terra!” (1º parágrafo). Assim, “Os manifestantes de Bil’in relacionaram o combate dos Na’vi em defesa de seu Éden às próprias tentativas de recuperar suas terras” (3º parágrafo). Ressalto, então, que, “desvinculado de alguma matéria a ser transformada, a única referência do imaginar se centraria no próprio indivíduo” (OSTROWER, 2008, p. 32), ou seja, “seria um pensar voltado unicamente para si, suposições alienadas da realidade externa, não contendo propostas de transformação interior, da experiência, nem mesmo para o

indivíduo em questão” (OSTROWER, 2008, p. 32-33). Dessa forma, destaco que, “o imaginário criado por *Avatar* consolidou-se como uma representação de suas próprias lutas (3º parágrafo). Contudo, o artigo lembra-nos que, na antiguidade da Europa moderna, “os manifestantes mascaravam suas identidades trocando de papel. Por exemplo, fantasiavam-se de povos reais (os mouros) ou imaginários (as amazonas), considerados uma ameaça à civilização (6º parágrafo). E de outras formas, o artigo de Henry Jenkins mostra também outros exemplos de manifestações pelo mundo como em Nova Orleans, onde “negros estadunidenses inventavam suas próprias tribos indígenas no carnaval, recorrendo ao imaginário do velho Oeste de Buffalo Bill, para reivindicar respeito e dignidade” (6º parágrafo), e em Boston, onde os cidadãos “perpetuaram essa tradição ao se fantasiarem de ameríndios para jogar fora carregamentos inteiros de chá no porto da cidade” (6º parágrafo).

A categoria analítica *repercussões socioambientais* aparece no artigo de Henry Jenkins a partir das manifestações dos meios de comunicação de massa, pois as mídias que são usadas para abranger um grande número de receptores podem instigar e gerar críticas conscientes sobre um imaginário concreto como, por exemplo, através das repercussões do filme “Avatar”, pois

Embora não se tenham pintado de azul, intelectuais como o romancista indiano Arundhati Roy e o filósofo esloveno Slavoj Žižek aproveitaram os debates em torno de *Avatar* para relembrar a situação crítica das tribos autóctones indianas, Dongria Kondh, que tentavam impedir o acesso de mineradoras a seu território sagrado, rico em bauxita (5º parágrafo).

De outra forma, mas ainda repercutindo através do filme, “Críticos de esquerda acreditavam que a ênfase sobre os protagonistas humanos brancos do filme ofereciam uma possibilidade de fácil identificação, mas é a pele azul dos Na’vi que os espectadores revoltosos buscam reproduzir (5º parágrafo). Assim, como já foi mencionado na categoria analítica acima, segundo Henry, “Na realidade, os “militantes *Avatar*” exploram uma velha linguagem de protesto popular (6º parágrafo), e “cada uma dessas abordagens rompe com a visão de uma cultura de massa trivial e insignificante, que seria mero entretenimento ou fuga dos problemas do mundo real” (2º parágrafo).

Categorias empíricas

Dominação, repressão e opressão: relações sociais e ambientais historicamente construídas

Criei a categoria empírica *Dominação, repressão e opressão: relações sociais e ambientais historicamente construídas*, por considerar fundamental ressaltar as relações historicamente construídas pelos indivíduos, pois as mesmas representam a própria realidade concreta. Assim, essa categoria mostra-se com o objetivo de superar as formas constantes de opressão, dominação e repressão sentidas e vivenciadas por muitos indivíduos, até mesmo pelos que dominam, reprimem e oprimem, pois segundo Freire (2005), “a violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos” (p. 32). Dessa forma, no artigo de Henry Jenkins são destacados alguns exemplos de relações de opressão construídas ao longo dos séculos em várias partes do mundo na tentativa de alertar para sua superação, ou seja, “Em Bil’in, o cenário de combate ficcional foi substituído pelos conflitos entre palestinos e exército israelense” (4º parágrafo). Já, “na China, pelas contendas entre moradores expulsos de suas moradias e o governo de Pequim, que vem empreendendo uma violenta política de urbanização” (4º parágrafo) e, finalmente, “no Brasil, pelos conflitos entre indígenas e madeireiras que atuam na Amazônia” (4º parágrafo). Assim, “à medida que a imagem dos Na’vi foi retomada por grupos de contestação do mundo inteiro, o mito foi reatualizado em encarnações locais do complexo militar-industrial” (4º parágrafo). Segundo Freire (2005), apenas os oprimidos podem libertar a si mesmos e aos opressores, construindo, então, “a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos” (p. 33). Penso, então, através das palavras de Freire, que,

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não sentem

idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (2005, p. 33).

Contudo, para Daniel Heath Justice, um militante da comunidade Cherokee,

Avatar chama a atenção para as condições de vida dos povos autóctones, ainda que o diretor tenha simplificado ao extremo os males do colonialismo ao criar uma representação do complexo militar-industrial fácil de ser condenada, mas sem elementos que possibilitassem uma compreensão profunda do processo de dominação (2º parágrafo).

Imaginário concreto

A categoria analítica *imaginário concreto* foi criada para valorizar o imaginário frente a situações concretas da realidade, pois “a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas” (OSTROWER, 2008, p. 39) e “as indagações constituem *formas de relacionamento afetivo*, formas de respeito pela essencialidade de um fenômeno” (OSTROWER, 2008, p. 39). Esse imaginário concreto constrói-se com a ajuda dos meios de comunicação, principalmente através da internet que, em muitas situações, permite que um número maior de indivíduos reflita e se manifeste sobre diversos problemas da realidade como, por exemplo, a Aliança Harry Potter, fundada por Andrew Slack, uma organização sem fins lucrativos com o objetivo de discutir temas reais a partir do personagem Harry Potter que, no filme, “formou com seus camaradas o Exército de Dumbledore para mudar o mundo” (8º parágrafo). Assim, “Essa abordagem lúdica da militância permitiu, também, mobilizar jovens que se sentiam excluídos de processos políticos convencionais” (8º parágrafo) e que “sensibilizou mais de 100 mil jovens do mundo todo para as guerras africanas, direitos de trabalhadores, casamento gay, levantamento de fundos para o Haiti ou ainda para campanhas contra a concentração dos meios de comunicação” (8º

parágrafo). Contudo, “Tais iniciativas podem parecer cínicas (por renunciarem ao poder da razão de converter as massas) ou inocentes (por acreditarem antes no mito do que na realidade)” (9º parágrafo). Mas “proporcionam ocasiões em que esses jovens são arrancados do conforto do imaginário dominante para se confrontarem com dificuldades e situações reais” (9º parágrafo).

Novos espaços de mídias

A categoria analítica *novos espaços de mídias* analisa as novas relações sociais promovidas pelas mídias emergentes, como os meios digitais, e que permitem e valorizam a participação de um número maior de indivíduos sobre objetos da realidade, ou seja, “Diferentemente dos meios de comunicação de massa, os meios digitais permitem que um grande número de usuários se aproprie de ferramentas de comunicação e subverta a cultura dominante para seus próprios fins” (7º parágrafo). Assim, Andrew Slack, “chama esse fenômeno de “acupuntura cultural”, sugerindo que essa forma de organização social identifica um “ponto de pressão” vital no imaginário comum e o relaciona a preocupações sociais mais amplas” (8º parágrafo). Dessa forma, “As narrativas compartilhadas são a base de vínculos sociais poderosos que geram espaços de debate e troca de ideias, produzem conhecimento e criam cultura” (7º parágrafo).

Pergunta de Pesquisa

O artigo “Militância Avatar”, apresenta a capacidade dos sujeitos em metaforizar a realidade através da atividade criadora na busca pela emancipação social e cultural. A tensão entre atividade criadora e alienação aparece de forma explícita através da luta dos manifestantes palestinos contra a ocupação de suas terras pelo exército israelense na Cisjordânia, pois a ocupação apresenta-se através da dominação social, cultural e da exploração dos sujeitos e do ambiente pelo viés da alienação proposta pelo grupo dominante para manter sua hegemonia. É possível perceber, a partir do artigo, uma proposta que permeia as concepções de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória enquanto valoriza formas criativas de transformação da realidade e de protagonismo social.

Concluindo o processo empírico

A partir dos artigos analisados, é possível fazer um balanço geral de forma sintética das análises categoriais construídas neste capítulo. Assim, através dos artigos “Caminhos para uma agenda sustentável”, de Hamilton Faria, “Do outro lado da linha, o proletário”, de Leandro Uchoas, “Em Iaras, o MST produz”, de Ricardo Lísias, “Sem terra criam o centro cultural Bertold Brecht”, de Márcio Zonta, e “Militância Avatar”, de Henry Jenkins, constitui uma abordagem qualitativa e não neutra com o objetivo de aproximar a conclusão das análises da pergunta de pesquisa, pois segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal do pesquisador, portanto, não pode existir uma leitura neutra e, sim, uma leitura constituída de uma interpretação.

A questão desta pesquisa pôde ser contemplada de diferentes formas através dos artigos e de suas análises. As categorias analíticas *trabalho alienado*, *atividade criadora* e *repercussões socioambientais* foram analisadas a partir dos artigos, na tentativa de responder às inquietações do processo de investigação. Assim, a categoria analítica *trabalho alienado* aparece: de forma explícita no artigo “Do outro lado da linha, o proletário”; de modo menos explícito, mas impregnado de um objetivo explícito e específico, como a constante busca pela emancipação social e cultural, nos artigos “Em Iaras, o MST produz” e “Sem terra criam o Centro Cultural Bertold Brecht”; aparece ainda, e implicitamente, nos artigos “Caminhos para uma agenda sustentável” e “Militância Avatar”.

Já a categoria analítica *atividade criadora* aparece de forma explícita, mas em diferentes contextos, em todos os artigos analisados, exceto no artigo “Do outro lado da linha, o proletário”, no entanto pode ser considerada por sua ausência.

Também, considere importante encontrar em todos os artigos a categoria analítica *repercussões socioambientais*, pois seu desvelar traz à tona a própria problematização da realidade. Assim, são muitas as repercussões sociais e

ambientais que podem ser destacadas em cada um dos artigos; entretanto, salientei apenas as que considere pertinentes para a pesquisa.

Ressalto ainda que, as categorias consideradas empíricas, serviram para complementar e melhor compreender o contexto dos artigos e da realidade como um todo.

As categorias empíricas, criadas durante o processo de análise dos artigos, remetem à possibilidade de um melhor entendimento da realidade. São elas: (a) *arte*; (b) *educação e cultura sustentáveis*; (c) *educação para a alteridade*; (d) *tecnologia como alienação*; (e) *Reforma Agrária*; (f) *o poder da mídia*; (g) *transformações socioambientais*; (h) *dominação, repressão e opressão: relações sociais e ambientais historicamente construídas*; (i) *imaginário concreto*; (j) *novos espaços de mídias*. Assim, as categorias empíricas (a) e (i) podem ser relacionadas à categoria analítica *atividade criadora* enquanto valorizam a arte e o imaginário como forma de transformação social e ambiental. Já as categorias (b), (c), (e), (f), e (j) podem ser facilmente pensadas como *repercussões socioambientais*, ou seja, foram criadas para ressaltar as características de uma nova forma de ser e estar no mundo, inclusive a categoria empírica *o poder da mídia*, pois, se utilizada de modo não neutro e engajada na busca pela emancipação, pode significar o próprio exercício de repercutir novas ideias de uma sociedade. Relacionei a categoria (d) com a categoria analítica *trabalho alienado*, pois a alienação é capaz de assumir sempre novos formatos. Enfim, a categoria empírica (h) pode ser relacionada tanto à categoria analítica *trabalho alienado* quanto à categoria *repercussões socioambientais*, pois nos faz refletir sobre questões históricas da sociedade e do ambiente como consequências, ou repercussões, concretas, de longo prazo. Intrinsecamente, também está relacionada à categoria analítica *trabalho alienado*, a dominação, repressão e opressão dos sujeitos envolvidos como meio de manter esse poder destrutivo social e ambientalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, existe uma grande contradição instalada pelo modelo pós-capitalista em nossa sociedade, na qual o ideal de produção e de consumo gera a exclusão social e cultural, a destruição da natureza – enquanto meio natural – e do ambiente – enquanto espaço de tempo e história (LOPEZ VELASCO, 2003) –, e a degradação do ser humano como sujeito. Na mesma medida em que o sistema pós-capitalista trabalha em prol da apropriação destrutiva dos “recursos” naturais para produzir cada vez mais objetos de consumo, os indivíduos se apresentam como seres alienados e, portanto, passivos diante da realidade que os cercam.

Tal realidade nos mostra a necessidade de uma transformação coletiva do pensamento, assim como uma mudança de paradigma. A superação dessa crise social, também abordada como crise ambiental, implica em um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento ao buscar a problematização da realidade através de suas raízes, do diálogo e das relações sociais e ambientais. A crise ambiental revela a exaustão do modelo atual de sociedade na qual vivemos, e aponta para a necessidade de um novo modelo societal que traga a possibilidade de reconstrução social e cultural do mundo, uma realidade transformada e sustentada através dos princípios de uma Educação Ambiental.

A Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória traz em sua concepção a qualidade de desmitificar para transformar as relações sociais e com o ambiente, ou seja, promove um desvelamento da realidade para uma melhor compreensão e reconstrução dessas relações por um viés da emancipação. Assim, a partir de um comprometimento político, o trabalho tensionado à atividade criadora e aos princípios da Educação Ambiental demanda um novo paradigma, para além de uma racionalidade científica e das concepções pós-capitalistas de relacionamentos entre sujeitos e ambiente.

A contribuição de iniciativas editoriais singulares como os artigos dos jornais *Le Monde Diplomatique Brasil* e *Brasil de Fato* nos traz a possibilidade de leituras

politicamente independentes e culturalmente inclusivas. Através dos artigos dos jornais, foi possível perceber a abundância de significados que um conteúdo pode nos oferecer, pois ao revelar-se, ele pode ser compreendido de diferentes e infinitos modos, mas sempre a partir dos sentidos adotados por cada pesquisador(a).

Dessa forma, as tensões que encontrei nos artigos satisfazem a pesquisa enquanto possibilidade de Educação Ambiental não formal, pois posicionam o leitor e a leitora a partir da criticidade e da problematização da realidade. O desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado apresenta-se explícita ou implicitamente em todos os artigos analisados, seja com mais ênfase na questão criadora, na maioria dos artigos, ou na questão da alienação, exposta explicitamente em um dos artigos. No entanto, considero que esta tensão esteve sempre presente, possibilitando a problematização da realidade a partir de seu desvelamento, principalmente através dos diversos problemas vividos pelos protagonistas dos artigos seja na busca por transformações emancipatórias (caso dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), seja no desejo de recuperação de suas terras metaforizado pelos militantes Avatar. Em ambos os casos, as atividades artísticas deram seu recado, fizeram a diferença, lançaram-se como instrumentos de luta para metaforizar a vida (PERALTA-CASTELL, 2007).

Considerarei, portanto, como resultado de pesquisa, as transformações descritas de diferentes formas críticas e reflexivas pelos jornais, sejam eles os leitores e as leitoras, e toda a rede de relações sociais e ambientais construídas pelos que têm interesse em ler os jornais destacados nesta pesquisa. E para além das transformações, ressalto a fidelidade desses jornais em manterem suas posições contra-hegemônicas, não servindo como mais um meio de comunicação social neutro à disposição do sistema pós-capitalista.

Trabalhei para que todo processo de escolha e categorização dos artigos analisados resultasse em uma análise conclusiva relacionada à questão norteadora desta pesquisa, ou seja, *o desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, a partir da leitura de artigos de jornais politicamente independentes, para além dos meios de comunicação de massa, como forma de contribuição para uma Educação Ambiental não formal*. Escrevi aos editores

solicitando resposta à minha questão de pesquisa. Espero que oportunamente possa contar com essa importante contribuição ao meu trabalho.

Entendo que esses jornais, autodenominados politicamente independentes, os quais considero contra-hegemônicos, podem contribuir de forma satisfatória para a Educação Ambiental não formal, crítica, transformadora e emancipatória (LOUREIRO, 2004), na busca pela superação da alienação. Esta tentativa de superação pode ser uma real contribuição quando mídias de longo alcance podem imprimir visibilidade às condições entre o trabalho alienado (artigo *Do outro lado da linha, o proletário*) e a atividade criadora (artigos *Sem Terra criam o centro cultural Bertold Brecht* e *Em Iaras, o MST produz*), assim como sobre outros problemas sociais e ambientais vividos pela sociedade pós-capitalista. Assim, é transformador pra nós que as mídias ajudem a desvelar a realidade ao invés de mascarar-la.

Como busquei refletir, a atividade criadora tensionada em sua relação com o trabalho pode se constituir como um ponto nevrálgico do processo de ressignificação da relação seres humanos-trabalho-meio ambiente. Embora este texto não tenha problematizado a relação educação ambiental e cultura, há que considerar a atividade criadora analisada nos artigos pesquisados, em seu aspecto amplo, coletivo, o de política cultural – na qual a arte é linha de frente para a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, não formal, neste caso.

Procurei, ainda, conjugar a categoria *trabalho* e sua relevância social, pela sua relevância e centralidade na tradição marxista com a atividade criadora (OSTROWER, 2008) como possibilidade de educação estética (MEIRA, 2003; DUARTE Jr, 2006). Talvez esse possa vir a ser um importante papel duma mídia independente: o de contribuir para o descongestionamento de nossa sensibilidade, percorrendo um caminho contrário à anestesia de nossa sensibilidade (DUARTE Jr, 2006), tão programada e robotizada pelas mídias de massa.

Contudo, apesar do trabalho não ter visado aprofundar conceitos neomarxistas, como em Negri e Hardt (2005), que sugerem desejos de recusa à ordem hegemônica, considero relevante refletir sobre esta linha de abordagem, oportunamente. Assim como Mézaros, Velazco (2003) e Antunes (2009) ajudaram-nos a ampliar o conceito de alienação aos dias atuais, sob o confronto cotidiano com

o telemarketing, Negri e Hardt (2005) sugerem, além de “uma verdadeira desconstrução ideológica e material da ordem imperial” (p. 67), outros caminhos alternativos na medida em que buscam nas potencialidades dos sujeitos a historicidade da realidade, ou seja, “o poder que tem a multidão de fazer história” (p. 66). É possível, então, ampliar esse debate sobre o papel das mídias em uma sociedade *sem contornos fixos* sob outra perspectiva mais ampla, mas ainda assim, dialética.

Recomendo, então, aos leitores e leitoras deste trabalho, a intimidade com os jornais destacados nesta pesquisa, pois estou certa que eles vão ajudar e inspirar esta nossa constante busca por transformações nas relações socioambientais, relações estas que permeiam todos os momentos de nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice S. de; FLEITH, Denise de S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

DALLARI, Dalmo de A. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DUARTE Jr. João F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** São Paulo: Papirus, 2000.

HARDT Michael; NEGRI Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JENKINS, Henry. **Militância Avatar**. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, v. 4, n. 38, p. 34, Set. 2010.

LÍSIAS, Ricardo. **Em Iaras, o MST produz.** *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 3, n. 33, p. 10-11, Abr. 2010.

LOPEZ VELASCO, Sírio. **Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo.** São Leopoldo: Unisinos, 2003.

LOUREIRO, Carlos F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MAKIUCHI, Maria F. R. **Alteridade.** In FERRARO JR, Luiz A. (org). *Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores.* Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 27-35.

MARX, Karl. **Trabalho Estranhado e Propriedade privada.** In *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844.* São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 79-90.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2006a.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro.** São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação: reflexões sobre o sentido do sensível.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **A Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINAYO, Maria C. de Souza. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria C. de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, p. 7-32, 1999.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PERALTA CASTELL, Cleusa Helena Guaita. **Metaforizando a vida na terra: um recorte sobre o caráter pedagógico do Teatro-Fórum e sua mediação nos processos de transição agroecológica e cooperação em Rio Grande-RS**. Porto Alegre, 2007. Tese [Doutorado em Educação] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8964/000592269.pdf?sequence=1>

SÁ, Laís M. **Pertencimento**. In FERRARO JR, Luiz A. (org). Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, pp. 247-256.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2009b.

UCHOAS, Leandro. **Do outro lado da linha, o proletário.** *Brasil de Fato.* São Paulo, v. 8, n. 384, p. 3, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Teoria e Método em Psicologia.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZONTA, Márcio. **O curral que virou centro cultural.** *Brasil de Fato.* São Paulo, v. 8, n. 390, p. 8, 2010.